

---

# ARTLAB

## Mitos e Rituais da Tapeçaria Contemporânea

Instituto Politécnico de Viana do Castelo  
Faculdade de Belas-Artes Universidade de Lisboa

---

# ARTLAB

## Mitos e Rituais da Tapeçaria Contemporânea

Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Faculdade de Belas-Artes  
Universidade de Lisboa



## ÍNDICE

Inesperadamente... o Mundo ou a viagem a vários .....	5
ARTLAB — Mitos e Rituais - Tapeçaria Contemporânea .....	7

### IMAGO — 1

ALVES DIAS .....	20
ANA ISABEL MIRANDA RODRIGUES .....	20
FERNANDA MATOS .....	22
GISELLA SANTI .....	22
GRAÇA NEVES .....	24
GUIDA FONSECA .....	24
INÊS CARRELHAS .....	26
LENA HORTA LOBO .....	26
MARIA ALTINA MARTINS .....	28
MARIA CANDIDA MARQUES .....	28
MARIA DELFINA MACEDO .....	30
MARIA JOÃO GROMICHO .....	30
MARIA LUÍSA FERREIRA .....	32
MARIETA MIGUEL .....	32
MIZETTE NIELSEN .....	34
SANDRINA ESPIRIDIANO .....	34
TERESA OGANDO .....	36
TERESA SEGURADO PAVÃO .....	36

### IMAGO — 2

ANA GONÇALVES DE SOUSA .....	40
ANA MARIA GONÇALVES .....	40
ANA TECEDEIRO .....	42
CATARINA DANTAS .....	42
CRISTINA VILAS-BÓAS .....	44
DORA-IVA RITA .....	44
FILIPA FLORES .....	46
HUGO FERRÃO .....	46
SÓNIA GODINHO .....	48
TERESA MATOS .....	48

### IMAGO — 3

BÁRBARA CRUZ .....	52
CAROLINA SANTOS .....	52
DANIEL XAVIER .....	54
GUILHERME RAMOS .....	54
HABIB HAMED AFSAR .....	56
JOANA LEITÃO SALVADOR .....	56
MADALENA MENDES .....	58
MAFALDA GARCIA .....	58
MÁRCIA MARQUES .....	60
SARA SILVA PEREIRA .....	60
SUSANA CRUZ .....	62
<i>Curricula Vitae</i> .....	65



## Inesperadamente... o Mundo ou a viagem a vários

Uma vertente da arte em inevitável estreia nas exposições da Oficina Cultural do Instituto Politécnico de Viana do Castelo vem para oferecer ao público mais um apanágio da sublimidade criativa.

A fazer jus à História que se embrenhou nas tradições Lusitanas, a Tapeçaria emerge *Senhora*, e impõe-se como poesia nas mãos dos seus tecedores. Solta o seu grito de identidade e instala-se na admiração desprevenida do seu observador.

Inspirada e tão caracterizadora da alma portuguesa, fez-se costumes, multiplicando-se desde então no estilo e materiais que lhe vão dando forma. E é nesta variedade, desde o algodão, ao arame, passando pelo fio de seda entre outros sobejamente inesperados que residirá a originalidade do entrelaçar de diferentes técnicas, envoltas em lirismo de cores, para culminar no encantamento do espectador.

A provocação do imaginário, a soltar momentos de afago e libertação, em cultura, proporcionarão a magia da levitação numa simples visita, para conhecer olhares artísticos inspirados em tapeçarias francesas e de Portalegre, passando por alguns trabalhos de técnica mista e de peças de cerâmica, entre outras formas de arte.

ARTLAB — Mitos e Rituais da Tapeçaria Contemporânea estará assim patente na Oficina Cultural, que abre agora o seu espaço a uma inovadora mostra de tapeçaria contemporânea, numa colaboração com a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Esta é mais uma programação para o necessário confluir do ponto de partida da sua génese ao seu propósito primeiro. Aliar a componente didática e pedagógica no trajeto a percorrer com a sua existência. A Oficina Cultural, despojadamente, assumiu-se *altar* da "Arte" e da "Cultura" para as entregar, genuínas, e em esplendor, aos seus alunos, à sua comunidade, a todo o seu público. Porque assim serve a sua existência. Porque assim se inscreve no mundo. Porque vive assim para o seu propósito primeiro. Pelos seus alunos, pelas pessoas e para a região.

**Diogo Moreira**

Administrador dos Serviços de Acção Social



## **ARTLAB MITOS E RITUAIS - TAPEÇARIA CONTEMPORÂNEA**

A exposição que se realiza na *Galeria da Oficina Cultural do Instituto Politécnico de Viana do Castelo*, deve-se à articulação entre a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e o Instituto Politécnico de Viana do Castelo, na pessoa do seu Director, Doutor Rui Teixeira e ao dinamismo do Dr. Francisco Trábulo, cujo entendimento do significado e importância da Tapeçaria como linguagem ancestral, fundadora do imaginário artístico transversal a todas as culturas e com forte impacto na Modernidade, à dedicação e persistência do Doutor Hugo Ferrão e da Dr.<sup>a</sup> Ana Gonçalves de Sousa, responsáveis pela unidade curricular da Tapeçaria da Licenciatura de Pintura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e também ao papel entusiasta do pintor Alves Dias, bem como à investigação e colaboração da Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Gonçalves no âmbito do 3.4.5 – Associação de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa, e ao testemunho atento do Presidente da Faculdade de Belas-Artes, Doutor Vítor dos Reis e inevitavelmente, ao empenho dos alunos que concretizaram um conjunto de obras de elevada qualidade e reveladoras de uma imagética que congrega Tapeçaria Contemporânea, *Fiber Art* e *Textil Art*.

As dinâmicas desenvolvidas à volta do «Projecto ArtLab» estão ancoradas num legado pedagógico, científico e artístico que se inicia em 1957 com Conceição Ferreira (1930) e se assume claramente na reforma de 1974-1976 através dos professores Rocha de Sousa (1938) e Manuela de Sousa (1943-1994), figuras tutelares, organizadoras de um programa indissociável da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre (1946), criada por Guy Fino (1920-1997) com Manuel Peixeiro (1893-1964) que engenhosamente constrói o «ponto português» ou de «Portalegre». A execução das tapeçarias atingirá o apogeu perfeccionista na segunda metade do século XX, colocando internacionalmente Portugal entre os melhores produtores de Tapeçaria Contemporânea, rivalizando as obras de artistas portugueses, realizadas pelas tecedeiras da Manufatura das Tapeçarias de Portalegre (mais de 200 obras entre artistas nacionais e estrangeiros), com as de Gobelin, Aubusson ou Ghent e representando-nos assim à escala global da melhor maneira.



Será a partir de 1993, ano em que a regência e docência da disciplina transitam para o Professor Hugo Ferrão que, progressivamente, se introduz a ideia de «artlab», como metodologia artística inovadora, capaz expandir as experimentações e os limites da própria Tapeçaria Contemporânea e, simultaneamente, abrir esta unidade curricular à *Fiber Art* e à *Textil Art*, nas suas dimensões artística, tecnológica, antropológica, e sociológica tornando «obrigatório» teorizar sobre estas matérias.

As exposições dos alunos e professores desta unidade curricular tiveram sempre como objectivo central provar aos alunos que é possível concretizar projectos artísticos no âmbito da Tapeçaria Contemporânea fora do Convento de S. Francisco (espaço físico onde existe a Faculdade de Belas-Artes) e mostrá-los à comunidade. «Tramas, Visibilidade das Invisibilidades – Tapeçaria Instalativa» de Isabel Barreira e Sónia Aniceto (1999) nos Jardins do Palácio Nacional de Queluz, também graças à visão da então Diretora Doutora Inês Ferro, foi determinante na estratégia concebida, que virá a ter um momento alto na realização da *TEXERE – Textile Education and Reserch in Europe*, em Lisboa (2002), com o empenhamento integral de Nazaré Ferreira, destacando-se, entre as várias actividades, a exposição dos alunos de Tapeçaria, intitulada: «Texaware – Tapeçaria Instalativa», no mítico espaço da cisterna.

Nos últimos anos (2010-2016) foi possível intensificar a relação entre instituições que estão muito marcadas pelo imaginário da Tapeçaria e do Têxtil, como é o caso do Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino, em que o papel museológico e museográfico da Directora Dr.<sup>a</sup> Paula Fernandes, aliado à visão integradora da Presidente da Câmara Municipal, Doutora Adelaide Teixeira, estão a permitir estabelecer redes e protocolos que já fizeram concretizar projectos como: «ArteLab21 – Tapeçaria Contemporânea, 2010», ArteLab Futuro – Tapeçaria Contemporânea, 2011», «ArtLab – Protocolo Experimental, 2014» e «ArtLab–Ur, Trilogia de Mundos- Tapeçaria Contemporânea, 2015-16». Um outro parceiro tem sido o Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior, no qual foram realizadas, na Galeria de Exposições Temporárias, duas mostras: «ArtLab – *Next Vision*, Tapeçaria Contemporânea, 2012» e «ArtLab – Módulo/Padrão Têxtil, 2014», e não poderemos deixar de referir a total sintonia do Director Doutor António dos Santos Pereira e o profissionalismo da Dr.<sup>a</sup> Helena Correia.

Ao intitularmos esta exposição: «**ArtLab – Mitos e Rituais da Tapeçaria Contemporânea**», queremos evocar a natureza precedente das acções que presidiram à feitura das teias e tramas que tornam visíveis os corpo-objectos têxteis, revelando narrativas míticas inacessíveis ao esmagador enclausuramento científico (Mircea Eliade) e só expressas pela dimensão artística. Os rituais «designam aquilo que se realiza de acordo com a

ordem» (Luc Benoist), procedimentos presentes nos gestos das mãos que fiam, que urdem as teias, nos olhos que seleccionam as cores dos cartões de Tapeçaria. A arte de tecer tem rituais, em que todas as funções estão carregadas de simbolismos que se entrelaçam com a vivência dos actos que conduzem à construção da obra em Tapeçaria. Este faseamento encadeado foi transmitido por alguma divindade (mito grego das Moiras e a apropriação romana através do mito das Parcas) e a sua mimetização no plano terreno (Platonismo), projecta-nos numa dimensão de primordialidade em que a operacionalidade perfeccionista (liturgia) da arte-ofício nos põe em contacto com o campo da divindade. Os artistas têm sido os representantes deste posicionamento existencial, que dá sentido à própria vida, preservando e criando rituais propiciatórios como veículos capazes de gerar «objectos visíveis» que estabeleçam conectividade metafísica e transcendam a efemeridade da condição humana.

Esta exposição dá continuidade à «Art Lab. Ur – Trilogia de Mundos», em que a utilização do termo «Ur» visava provocar ressonâncias imagéticas de uma cidade espiritual milenar, da antiga Suméria (Iraque), onde o papel das festividades relacionadas com a agricultura estava fortemente enraizado. A actual concepção da mostra está baseada na criação de três espaços, que designamos como «imago», onde o programa estético da Tapeçaria Contemporânea se acentua e nestas «imago-estações do visível» agrupam-se coerentemente o imaginário dos artistas e obras.

O primeiro «imago», será acompanhado por um texto historicista da autoria da Ana Maria Gonçalves que nos introduz no «Grupo 3.4.5 – Associação de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa», fundado por Gisella Santi (1922-2006), em 1978, do qual tem vindo a fazer pesquisa sistematizada e detalhada ao nível do Mestrado. Os artistas pertencentes a esta associação que participam, numa primeira fase a convite da unidade curricular de Tapeçaria, são: Alves Dias, Cândida Marques, Gisella Santi (representada pelo seu filho Orenzio Santi), Guida Fonseca, Lena Horta Lobo, Luísa Ferreira, Maria Delfina, Maria João Gromicho e Maria José Mateus, aos quais acrescem novas participações: Inês Carrelhas, Maria Altina Martins, Mrieta Miguel, Teresa Ogando, Maria Fernanda Matos, Sandrina Espiridião Oliveira e Misete Nelson. Alguns destes artistas, passaram pela Escola de Artes Decorativas António Arroio e pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, que neste período eram *bahausianas*, bem como por outras instituições de Ensino Superior e foram fortemente influenciados pelas práticas da tapeçaria tecida em alto liço de Portalegre, e fundamentalmente, pelo movimento da *Nouvelle Tapisserie*, que graças a Jean Lurçat (1892-1966) e a Pierre Pauli (1916-1970) foram capazes de despoletar um verdadeiro «renascimento da tapeçaria» no panorama cultural europeu, em que a

Bienal de Lausanne (1962-1995) se transformou num evento de dimensão mundial onde a Tapeçaria Contemporânea vem a adquirir a autonomia de uma linguagem artística, rompendo com os habituais estereótipos associados à relação de reprodução da pintura (cartões) pela tapeçaria. Começaram a fazer parte do imaginário dos professores, alunos e artistas a possibilidade da utilização de matérias e materiais distantes dos tradicionalmente utilizados e a tridimensão, no sentido instalativo das tapeçarias, passou a fazer parte das estratégias plásticas, como nas magníficas obras de Magalena Abakanowicz (1930). É hoje fundamental conduzir investigações no território da Tapeçaria Contemporânea em Portugal de forma a preservar memória, legado e património, pelo que o trabalho da Ana Maria Gonçalves, além de pioneiro, é manifestamente significativo e importante.

O segundo «imago» é constituído por colaboradores, por ex-alunos e pelos atuais professores de Tapeçaria Ana Gonçalves de Sousa, Ana Maria Gonçalves, Ana Tecedeiro, Catarina Dantas, Cristina Vilas-Bôas, Dora-Iva Rita, Filipa Flores, Hugo Ferrão, Sónia Godinho e Teresa Matos Pereira, num contexto académico que procura saber dos seus alunos, das suas realizações, das suas actividades e trazê-los de volta à Faculdade para que nos contem o que estão a concretizar. O impacto dos projectos realizados na unidade curricular de Tapeçaria é marcante na intervenção e interacção, com a comunidade, como aconteceu com a fundação da *Cooperativa Grupo de Tecelagem de Limões* (1986) que propunha a recuperação de uma zona linheira na Aldeia de Limões, em Trás-os-Montes, distrito de Vila Real, concelho de Ribeira de Pena, com a colaboração das Mestras D.<sup>a</sup> Ana Erénia e D.<sup>a</sup> Joaquina Pires e Hugo Ferrão e mais tarde, o *Centro de Interpretação – Museu do Linho* (2014). As fotografias do «território sagrado», das gentes e dos «riscos-desenhos», que se apresentam nesta exposição, são registos silenciosos de um «paraíso perdido», fazem parte das imagens que guardamos dentro de nós, porque intuímos ter estado na presença de algo indizível, mas que fomos capazes de sentir.

No terceiro «imago», apresentamos os jovens alunos selecionados que frequentam a unidade curricular de Tapeçaria no presente Daniel Xavier, Barbara Freire da Cruz, Carolina Santos, Guilherme Barros, Guilherme Ramos, Jhabib Hamed Afsar, Joana Leitão Salvador, Joana Passos de Almeida, Mafalda Garcia, Madalena Mendes, Sara Pereira e Susana Cruz, orientados para as boas práticas inerentes ao conceito de «ArtLab», transparecendo a noção de laboratório artístico experimental, constituindo as aulas um «lugar imagético», como se constata num painel composto por trabalhos de alunos de iniciação, onde se aliam a tradição e contemporaneidade, abrindo espaço às novas interacções da Tapeçaria. As obras «coisificam-se» na sua diversidade e manifestam as tensões

latentes de um futuro incerto, onde parece não existir lugar para se ser. Estes alunos são a prova viva da necessidade urgente de reencontrar a dimensão de humanidade, que sempre caracterizou o domínio da arte e que parece solver-se na pós-globalização.

A exposição que agora se apresenta dá continuidade a um novo ciclo já iniciado, fundado por um plano integrador de outras iniciativas que visam contribuir para formar e atrair públicos cada vez mais sensibilizados e esclarecidos e transformar o «lugar do galeria/museu» num polo onde a Tapeçaria Contemporânea possa estar presente. As conferências que se intitulam «ArtLab – Palavra Têxtil» vão trazer especialistas e artistas, cujas temáticas abrangem os campos da Arte, da Pedagogia, da Antropologia, da Ciência, da Tecnologia e do Empreendedorismo, sendo a sua programação e divulgação realizadas pela *Galeria da Oficina Cultural do Instituto Politécnico de Viana do Castelo* e pela Faculdade de Belas-Artes. Julgamos estarem reunidas as condições essenciais para assumirem protocolos institucionais, que podem incluir residências artísticas, *workshops*, exposições e conferências capazes de reunir vontades e querereres que desenhem futuro.

Casa das Três Colunas,  
Amieira do Tejo - Fevereiro 2016

**Hugo Ferrão**

Regente da unidade curricular de Tapeçaria – Licenciatura em Pintura  
Coordenador do Doutoramento em Belas-Artes - Área de Pintura  
CIEBA – Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes



---

# IMAGO — 1

ALVES DIAS  
ANA ISABEL MIRANDA RODRIGUES  
FERNANDA MATOS  
GISELLA SANTI  
GRAÇA NEVES  
GUIDA FONSECA  
INÊS CARRELHAS  
LENA HORTA LOBO  
MARIA ALTINA MARTINS  
MARIA CANDIDA MARQUES  
MARIA DELFINA MACEDO  
MARIA JOÃO GROMICHO  
MARIA LUÍSA FERREIRA  
MARIETA MIGUEL  
MIZETTE NIELSEN  
SANDRINA ESPIRIDIÃO  
TERESA OGANDO  
TERESA SEGURADO PAVÃO



### **GRUPO 3.4.5. – TAPEÇARIA CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA** **Antecedentes e dinâmica(s) de um grupo artístico (muito dinâmico)**

Gisella Santi (1922-2006), diplomada em pintura (1944) pelo Istituto d'Arte de Venezia com formação em restauro de tapeçaria, desde 1958, dirigia a sua oficina de restauro de tapeçarias antigas – só havia outra oficina semelhante, a do Instituto José de Figueiredo, implementada e dirigida por Maria José de Mendonça (1905-1976). Neste formato, esta estrutura laboral fechou em 1974 mas continuou sendo, na capital portuguesa, o laboratório para a arte têxtil durante mais 31 anos. No início da década de 1970, a italiana que se dedicava ao restauro tinha começado a executar tapeçaria através de cartões de sua autoria, em 1975, atendendo ao pedido do Ministério da Educação e Cultura, dirigiu em Condeixa um curso de tapeçaria e outro em Lisboa no IADE – Instituto de Arte e Decoração. Na sequência deste curso, as pessoas juntaram-se e chegaram à conclusão de que estavam com vontade de fazer tapeçaria. Gisella Santi convidou as suas alunas para irem trabalhar para ao seu ateliê e, em conjunto, começaram a procurar e a congregar pessoas de modo a formar um movimento. Simultaneamente, Maria Flávia de Monsaraz (1935), procurava artistas que se dedicavam ao têxtil para dar forma a uma cooperativa. Maria Flávia é uma portuguesa nascida em Madrid que se diplomou em escultura (1959) pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, promissora escultora que, durante um ano letivo (1964-1965), foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) em Paris. Aproveitando a proximidade, visitou a 2.ª Bienal Internacional de Tapeçaria (1965) em Lausanne, Bienais (1962-1995) em que a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre (1946) participava com tapeçaria bidimensional e, na 10.ª edição (1981), Ana Isabel Miranda Rodrigues (1951) apresentou uma obra composta por volumes têxteis e fotografia. Maria Flávia ficou fascinada pela expressão da arte mural com que tinha contactado na Suíça – *La Nouvelle Tapisserie* –, cujos trabalhos mais emblemáticos eram de mulheres polacas que estavam organizadas em torno de cooperativas. Retornou a Lisboa em 1969 e, nesse mesmo ano, estava a fazer tapeçaria porque tinha recebido encomendas.

As duas tapeceiras – Maria Flávia e Gisella – encontraram-se, associaram-se e nasceu a ARA – Cooperativa Portuguesa de Tapeçaria (1975-1977) que não teve vida longa, as pessoas que visitavam as exposições gostavam mas não compravam Tapeçaria Contemporânea (TC) que englobava



peças têxteis com volumetria (escultóricas e espaciais). A dissolução da ARA representava o fim de um espaço de educação para a cidadania em Lisboa, por outro lado, a ARA, fez escola e, outro movimento já estava a caminho. Mizette Nielsen (1941), uma holandesa que vivia em Portugal, desde o início da década de 1960, foi uma autodidacta que em 1974/1975 realizou trabalhos em tecelagem para projetos de decoração de interiores de Paulo-Guilherme d`Eça Leal (1932-2010). Mizette ainda no tempo da ARA, já ia trabalhar para o ateliê de Gisella Santi que ficava situado no 2.º andar direito do prédio 345 da Avenida Infante Santo em Lisboa, ateliê que Gisella abriu (1976) para o ensino particular das técnicas da tapeçaria. Às alunas que tinham vindo do curso do IADE e outras mulheres que apareceram por causa da ARA, juntaram-se outras futuras tapeceiras que vieram a partir da divulgação que Gisella Santi fazia do seu ateliê como um espaço de ensino/aprendizagem ao serviço da Tapeçaria Contemporânea Portuguesa (TCP). A exposição de apresentação do Grupo 3.4.5. – Tapeçaria Contemporânea Portuguesa, à data, constituído exclusivamente por mulheres (9), inaugurava no dia 2 de outubro de 1978 na Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA) em Lisboa. Ana Isabel Miranda Rodrigues, Gisella Santi, Maria José Risques Pereira (1934-2009) e Mizette Nielsen tinham feito parte da ARA, os restantes elementos estavam no ateliê a funcionar como alunas de Gisella – Maria Cândida Correia Marques (1939-2014), Colette Villate, Maria Delfina Macedo (1933), Maria Luísa Costa e Nicole Rathey. A mesma capacidade de trabalho que vinha demonstrando para com a tapeçaria (restauro, criação e execução), Gisella demonstrava também para com a dinamização do Grupo 3.4.5., grupo que foi preparando a *Exposição Itinerante de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa* (1980-1982), em que participaram também Lena Ónnesjö Horta Lobo (1947) que no seu país (Suécia) se tinha licenciado em letras e em Paris fez estudos de arte e cultura, ainda, Maria Altina Martins (1953) que foi aluna fundadora do AR.CO (1972-1975), esteve um mês a aprender com Maria Flávia e depois, como parecia ser o caminho de quem não estava numa estrutura de ensino formal e queria evoluir nos processos da arte têxtil, “foi para a Gisella Santi”. Voltando à exposição itinerante, surgiu no espírito da descentralização da ação social e cultural que o Diretor-geral da Acção Cultural (Eduardo Prado Coelho, 1944-2007) imprimiu no período pós *25 de Abril*. Subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura, a TCP foi mostrada em mais de uma dezena de localidades portuguesas. Itinerância que teve como consequência outra exposição, igualmente, importante para a TCP – *Tapeçaria: de artistas contemporâneos no Museu Nacional do Traje* – que Teresa Segurado Pavão (1957) visitou, tendo ficado deslumbrada com aquela forma de expressão, decidiu frequentar o *Ateliê da Infante Santo* e, conseqüentemente, em 1984 fazia parte do

Grupo 3.4.5.. Nesse ano ingressavam também no 3.4.5., Dora Condessa (1938) e Maria José Mateus (1923) que junto com Gisella participou em exposições até 2005. Ainda nesse ano e no mesmo ateliê, Graça Neves (1951) inicia-se na TC, além de participar nas exposições com trabalhos têxteis, sendo profissional de design gráfico participava também na edição e produção de catálogos para as exposições coletivas do Grupo. Com uma exposição em Heidelberg na Alemanha, este grupo artístico inicia a sua internacionalização. No ano em que Portugal entrou para a Comunidade Económica Europeia (1986), Maria Luísa Ferreira (1949) entrava para o Grupo, associada que foi aluna fundadora do IADE (1969-1972) no Curso de Decoração de Interiores, tapeceira que antecedendo a Lena Horta Lobo, foi a consultora portuguesa na organização das 8ª (1995), 9ª (1998) e 10ª (2001) edições da Trienal Internacional de Tapeçaria – *Trienal de Łódz*. O mais antigo (1972) e importante evento mundial dedicado à arte têxtil, desde 1985 tem contado com presenças portuguesas, das quais 9 das artistas pertenciam ou tinham pertencido ao Grupo – Carmo Portela (1949), Eveline Martin (1948), Gisella Santi, Lena Horta Lobo, Maria Cândida Correia Marques, Maria Delfina Macedo, Maria José Mateus, Maria Luísa Ferreira e Teresa Segurado Pavão –, na próxima edição (15.ª) que vai decorrer este ano, foram convidadas a participar Maria Altina Martins e Guida Fonseca (1955). Por esta altura, entraram também para o Grupo Maria João Gromicho (1956) e Inês Carellhas (1964). Guida enquanto aluna da Escola Superior de Belas Artes do Porto, em 1977 tinha visitado o ateliê, ingressando no Grupo em 1988, tornou-se numa forte aliada, expondo com Gisella até 2005. Maria João Gromicho foi aprender para o ateliê ficando no lugar que Guida tinha usado enquanto aprendiz e a Inês que tinha aprendido tapeçaria com Maria Flávia, foi para o *Ateliê da Infante Santo* para aprender a restaurar. Este enclave de linguagens artísticas e de identidades culturais situado na Avenida Infante Santo em Lisboa, ainda na década de 1980, atraiu outras cinco mulheres estrangeiras que se juntaram ao Grupo 3.4.5. – a argentina Luz Cano (1944), a francesa Regine Nicole de La Teyssonnière, a Suíça Edith Sophie Ambühl (1947), a alemã Inge Koch (1936) e a norueguesa Hedvig Louise Hallén (1937-1995).

A I Bienal de Tapeçaria (1988) organizada pela Câmara Municipal de Matosinhos foi um pioneiro evento para a arte têxtil, nele participaram 10 elementos do Grupo 3.4.5. e, Alves Dias (1952) também participou, tapeceiro que tomou contato com o trabalho desenvolvido pelo Grupo e conheceu Gisella Santi que o convidou a visitar o seu ateliê. Este professor que lecionava Trabalhos Manuais e Trabalhos Oficiais, desde 1981, individualmente, pesquisava e fazia experiências em tapeçaria, em 1989 estava a participar nas exposições do 3.4.5. em Santarém e em Lisboa (SNBA) – *10.º Aniversário*. Não só a autarquia de Matosinhos se destaca

quanto à divulgação da TC mas também e, até de forma mais significativa, se destaca o Município de Loures que empreendeu 4 Simpósios (1991, 1994, 1996 e 1998) e um Encontro (2000) dedicados à arte têxtil. Para que estes eventos tivessem acontecido, muito contribuiu uma licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL) que chegou ao Grupo no início da década de 1990 – Marieta Miguel. Marieta com o apoio da então Directora do Museu Nacional do Traje (MNTr) – Doutoranda Madalena Braz Teixeira (1938) – reuniu a lista dos artistas que em Portugal se dedicavam à arte têxtil. Passaram por estes *happenings de Loures* 23 artistas que faziam ou tinham feito parte do Grupo 3.4.5. Uma dessas artistas é Sandrina Espiridião (1968), o mais jovem elemento do Grupo que tinha sido bolsreira na Academia Nacional de Belas-Artes de Sófia na Bulgária onde se licenciou em Artes Plásticas – Têxteis, retornando a Portugal, em 1994, juntou-se às pessoas ligadas aos têxteis que gravitavam pelo *Ateliê da Infante Santo*. Fernanda Matos (1955) frequentou a oficina de tecelagem de Cristina Siopa (1952) (foi aluna de Gisella no IADE e uma das cooperantes da ARA) e, em 1989, esteve a aprender tapeçaria, chegando ao Grupo em 1994, logo expôs fora do país, a convite do Ministério dos Negócios Estrangeiros o Grupo 3.4.5. participou na exposição integrada nas comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Senegal, exposição que se realizou no Museu de Arte Africana em Dakar. Teresa Ogando (1953), no século passado, foi uma das últimas pessoas, a ligar-se ao Grupo 3.4.5.. Depois de ter frequentado o ateliê de têxteis e de cerâmica de Teresa Segurado Pavão (1998), em 1999 frequentou o ateliê Experimental de Tapeçaria que Gisella Santi dinamizava no MNTr e o *Ateliê da Infante Santo*, participou nas exposições que o Grupo empreendeu no Museu do Trabalho Michel Giacometti em Setúbal, no Museu dos Lanifícios na Covilhã e na exposição itinerante promovida pelo Instituto Politécnico de Castelo Branco (2000, 2001-2002).

O Grupo 3.4.5. – Tapeçaria Contemporânea Portuguesa, ininterruptamente, realizou e divulgou TC nas décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000. No meio académico, nas décadas de 1970 e 1980, a TC encontrava eco nas Escolas Superiores de Belas Artes do Porto e de Lisboa e nas Escolas Secundárias Soares dos Reis (Porto) e António Arroio (Lisboa) – escolas sucedâneas das Escolas de Artes Decorativas (1948-1974) que antes tinham sido Escolas de Artes Aplicadas (1914-1948). Quem pretendia fazer incursões no domínio da arte têxtil e não pretendia inserir-se numa estrutura de ensino formal, optando pelos ateliês particulares, encontrava no Ateliê de Gisella Santi uma resposta muito qualificada. Estes aprendentes tornaram-se nas pessoas (perto de meia centena, aqui trouxemos 31) que engrandeceram este projeto associativo porque, depois de um tempo de aprendizagem, eram convidados a integrar o Grupo 3.4.5..

Movimento que organizou cerca de 60 exposições que se repartiram por todo o país, por outros países Europeus e por outros três continentes (África, Oceânia e Ásia). Estas exposições, quanto ao número de participações, eram muito flexíveis, variando entre os 9 e os 18 associados, chegando a incluir outros artistas – artistas convidados (18): Aida Barata; Ana Gonçalves; Ana Paula Oliveira; Carmo Esteves; Carmo Pereira Dias; E. M. e Castro; Graciete Rosa Rosa; Helena Estanqueiro; Helena Lapas; Helena Santos; Isabel Cardoso; Isabel Laginhas; Isabel Magos; Maria Cristina Cortes Maldonado; Maria Corrêa da Silva; Manuela Justino; Nazaré Ferreira; Orenzio Santi. Depois de dez anos de interregno, o Grupo 3.4.5. (9 elementos) – Alves Dias, Gisella Santi, Guida Fonseca, Lena Horta Lobo, Maria Cândida Correia Marques, Maria Delfina Macedo, Maria João Gromicho, Maria José Mateus, Maria Luísa Ferreira – voltou a expor numa exposição que contou com mais 2 núcleos, o primeiro de colaboradores da FBAUL e o segundo de alunos portugueses e estrangeiros (*Programa Erasmus*) que frequentam a Unidade Curricular de Tapeçaria que faz parte da Licenciatura de Pintura da mesma faculdade. *ArtLab: UR – Trilogia de Mundo*, foi a exposição que esteve patente na galeria de exposições temporárias do Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino, de 30 de outubro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016, coorganizada pela FBAUL/ Unidade Curricular de Tapeçaria/Prof. Doutor Hugo Ferrão e Prof. Ana Sousa e pela Câmara Municipal de Portalegre/Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino/Dr.<sup>a</sup> Paula Fernandes.

Utilizando e engrandecendo a sua investigação, a autora participa num projecto da FBAUL, regularmente, reúne com artistas do Grupo 3.4.5.. No âmbito do mestrado em Ciências da Arte e do Património da mesma faculdade, desde o ano letivo 2011/2012, a autora investiga e escreve sobre TCP, contando com orientação do Prof. Doutor Hugo Ferrão redigiu a dissertação. Documento que se compõe de depoimentos de artistas e de executivos de instituições que promoveram TCP, compilando várias cronologias, quadros e mapas – selecionaram-se e reuniram-se dados fundamentais para a construção deste e de outros textos. Documento que pode funcionar como base teórica a outros projetos de investigação e de intervenção, nomeadamente, os museológicos e os educativos.

Lisboa, março 2016

**Ana Maria Gonçalves**

Licenciada em Educação Social pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais  
do Instituto Politécnico de Leiria.

Especializada em Ciências da Arte e do Património pela FBAUL  
e na mesma faculdade aguarda Prova Académica

---

## ALVES DIAS

As obras *Sol Poente* e *Dunas* executadas no início dos anos noventa, vivenciam a minha aprendizagem em métodos e técnicas de tapeçaria, que foi complementada no atelier da mestra Gisella Santi. A multitude de fios em compacto Gobelin de tonalidades fulvas e escarlate numa das obras, bem como o sentido de areias quentes e áridas em tons castanhos e ocres na outra, constituem o corpo das obras. Pretendo que as mesmas emanem uma expressão da vida e força telúrica.

Na obra *Surprise Boxes*, iniciada em 2011, estive implícito o conceito do desenho em práticas artísticas contemporâneas. Para a sua execução, recorri a desenhos eróticos de grandes mestres da pintura e escultura moderna, como Klimt, Rodin e Picasso. Estas caixas abrem-se como se fosse um díptico. Numa das partes da caixa, estão reunidos materiais têxteis, imagens de revistas, courato, sementes e parafina; na outra, estão integrados registos de imagens bordadas.

Utilizo, de uma forma meticulosa, um vasto leque de materiais dos quais tiro partido para imprimir um cunho próprio às obras que realizo. Tento também impulsionar a minha criatividade, tirando partido das propriedades que os vários materiais

me oferecem. Considero que a minha obra é feita de silêncios, de observação e de sensibilidade a tudo o que me rodeia.

---

## ANA ISABEL MIRANDA RODRIGUES

### Noite de Luar

Objeto que nasceu da união de trabalhos realizados em distintos momentos. Peças de vestuário adquiridas em lojas de roupa em 2.ª mão que, depois de transformadas, se podem passear pela cidade (Lisboa). A saia foi pintada em 2016, durante a gravação do programa em direto *Estou-me nas Tintas* (RTP 2), o casaco foi pintado na década de 1980 e, da mesma década, são as pregadeiras – pequenos seixos de espuma revestida a tecidos pintados que são atados por fio de cobre, estas irregulares formas, podem aparecer bordadas com missangas.

“Um trabalho sobre a memória própria e a ficção dessa memória, onde é impossível isolar imagens e pormenores, que só se entendem como sínteses abruptas, contracções brutais, associações poéticas.”

João Pinharanda

In *Uma estação no inferno, Desenhos de Ana Isabel Miranda Rodrigues*,  
Culturgest, 2004

**Dunas** (coleção do autor)  
Técnica mista: tecelagem vertical,  
fio de cobre, algodão, sisal e juta.  
160x98 cm  
1990



**Noite de Luar**  
Pintura em tecido e costura:  
tecidos, tintas, tintas, fio de cobre  
e missangas.  
144x70x23 cm  
2016



---

## FERNANDA MATOS

“(…) concebeu uma estrutura, deitou-lhe raízes e fez-lhe costuras. Tingiu-lhe os fios e repensou a terra como manta retalhada de vegetação tecendo sobre a Coroça articuladas manchas de paisagem. Surtiu assim um efeito de capa romeira. Esta configuração resulta de uma complexidade de referências e define um têxtil de linho e rafia em que, intencionalmente, todas as fibras são vegetais. (...) No entanto, a forma como é montada, suspensa, indica exatamente uma pausa, libertando a coroça do seu apego terreno, fazendo-a partir para outros voos de carácter espiritual.”

Madalena Braz Teixeira  
in *Catálogo da Exposição Fios da Memória*  
Museu Nacional do Traje, 1994

---

## GISELLA SANTI

“Cada tapeçaria conclui-se como uma única na qual o artista dedica-se desde o princípio até a conclusão. É um trabalho lento de grande investimento manual e físico, para além do processo criativo que lhe esta necessariamente implícito.

Para tanto são certas que iluminam as mãos que tecem fios dóceis e agrestes e a musicalidade do pensamento que tudo articula e une como na vida.”

Gisella Santi  
in *Catálogo Exposição Tapeçaria Contemporânea*,  
Cultura Politécnica, Instituto Politécnico de Castelo Branco, 2004.

**Croça**  
linho e rafia  
130x170 cm  
1993

**Árvore**  
linho e sisal  
110x140 cm  
1995



Técnica mista: lã e linho  
200x50x50 cm  
s/data





---

## GRAÇA NEVES

### Rede

Encontros de diferentes origens.

Materiais e técnicas contraditórias.

A rede quase indeformável foi adquirindo diferentes comportamentos, resultado da técnica usada para o tecer. No caso, foi escolhido o tricô depois montado na estrutura base, como se esta fosse o tear e o elemento aglutinador da estética final.

### Fado

O preto/azul da noite Lisboaeta na melodia de um Fado. O Fado português tão igual a si mesmo, encontra nesta peça o seu reflexo dado pela grande superfície monocromática com ligeiríssimas nuances, repentinamente rasgada pela violência da eterna saudade que é cantada no fado.

---

## GUIDA FONSECA

Fios podem ser de várias coisas. Linho, prata, algodão, seda ou ouro...

Como nós, apenas diferentes organizações moleculares. Frágeis ou fortes, para mim são linhas de força, de vida. Ligação contínua entre o pulsar do mundo e o meu, interior e inquieto. Tecer é para mim um pulsar primeiro, um gesto que ordena o caos e tudo religa.

**Texturas**

Linho e seda  
20x20 cm

**Rede**

Rede de arame e flooplástico  
20x20 cm



**Requiem**

Técnica mista: algodão, lã, seda,  
sisal, latão, madeira  
120x115 cm  
1993

**Simbiose III**

Técnica: gobelin e tecelagem;  
linho, algodão, madeira.  
55x22 cm  
s/data

**Estruturas Tubulares (fragmento)**

Técnica: 2 elementos; tecido duplo  
em tear de baixo liço; linho, seda,  
linho fiado à mão, lã e mohair.  
410x40 cm e 380x20 cm  
s/data



---

## INÊS CARRELHAS

Rotativa – obra realizada para responder à encomenda do grupo empresarial português SEMAPA. O mote foi o papel tecido em tear de alto liço. Quanto à iconografia, estão representados alguns dos muitos símbolos que se tecem nos tapetes orientais (e outros 2):

Peixe – símbolo do cristianismo

Cipreste – representa a ligação entre a terra e o céu

Árvore da Vida – representa a prosperidade

Dragão – símbolo de sorte

Mulher – símbolo de fertilidade

Espelho – símbolo de reflexo e luminosidade

Pássaro – símbolo de liberdade

Yin Yang – símbolo da união dos opostos criando o todo

Pente – símbolo de trabalho, tecelagem

Galo – símbolo do nascer do Sol e o cantar da manhã

Estrela de David – símbolo do judaísmo

Trevo ou Ampulheta – símbolo de sorte ou tempo

Mão de Fátima – símbolo muçulmano de proteção

IC – assinatura da autora

S – símbolo da empresa Semapa

---

## LENA HORTA LOBO

Intenção e conceito de trabalho criativo  
CRIAR...

Um processo e uma procura contínua onde novas ideias e novos caminhos me surgem. Curiosa por natureza exploro-os, experimentando e combinando diferentes materiais, formas e cores, por vezes, com surpreendentes resultados. Reutilizo e reciclo também sucedâneos de trabalhos meus – tudo pode adquirir uma nova forma. Utilizo papel, tecido, tinta, lã, seda, algodão, vidro, metal, madeira e casca de bétula. Minhas formas de expressão são tapeçaria, pintura têxtil, aquarela, colagens, fotografia e peças de papel reciclado.

Trabalho de uma forma espontânea, adoro a natureza e penso que o facto de ter vivido em três países influencia o meu trabalho e sinaliza vários percursos onde transparece, em todos, o forte sentimento da saudade, sempre presente, tanto das florestas e águas da “minha” Suécia, como da luz e do calor da minha vida em Portugal.

**Rotativa**

**Pormenor – Espelho**

Técnica: kilim em papel

650x35 cm

2011

Coleção da Semapa

**Carta**

Técnica mista: Papel e alga marinha

86x120 cm

2012

Coleção Particular

(Sebastião Albuquerque)



**Floresta minha**

Técnica mista: fio de pesca, ráfia, algodão, linho, seda; o material tingido manualmente

90 x 200 cm

1989

**Näver**

Técnica mista: casca de bétula, linho, fio de pesca, algodão, seda; o material tingido manualmente.

50 x 65 cm

s/data



---

## MARIA ALTINA MARTINS

### Dinamene a guerra e o amor

Esta Tapeçaria representa uma vela latina. Composta por duas faces, uma figurativa e outra abstracta, tem como cores dominantes uma tetralogia: o azul dos oceanos, o vermelho do fogo, do sangue e do fulgor da paixão, o castanho da terra e do escravo e o branco do ar, das velas.

Esta peça representa *Dinamene*, a intensidade vermelha do sentimento amoroso, figura que ocupa toda a composição.

Ao centro, recorta-se a figura de um escravo, como imagem de sofrimento e pretende evocar Jao.

A face abstracta relembra e reinterpreta a terra, o escravo e a paixão

### Pela Seara / Evolução

Pela Seara  
"... Brilha, porque alta vive"

Ricardo Reis  
in *Odes*

Evolução  
"...Hastes e folhas da seara verde..."

Guerra Junqueiro,  
in *Poesias Dispersas*

---

## MARIA CANDIDA MARQUES

Quando comecei a fazer Tapeçaria não imaginava quanto iria aprender acerca de mim própria.

Fui descobrindo aos poucos que me fascinavam as atmosferas, as paisagens, os espaços ilimitados e que gosto da indefinição das formas resultante da mistura quase líquida das cores.

O contacto com diversos materiais levou-me à escolha e associação de alguns que tenho trabalhado de forma a reforçar aquilo que procuro transmitir.

**Dinamene**

**a guerra e o amor**

Gobelins experimental: 1ª face/  
Vela latina / representação  
descritiva: algodão, lã, seda, rãfia,  
viscose; 2ª face/Representação  
abstracta: algodão, crina, seda,  
viscose  
350x167 cm; 350x78 cm  
1998 e 1999



**Alentejo I**

Técnica: Gobelins, lã Serra D' Aire  
77x148 cm



---

## MARIA DELFINA MACEDO

Falar do meu trabalho não é fácil. O mundo exterior, as ameaças que pairam sobre a vida e a natureza e o universo influenciam-me e isso transparece no que realizo. Procuo uma mensagem de esperança, coloco ordem nas ideias e sentimentos, afirmo o pensamento crítico — e trabalho. Recorro a teias sobrepostas, aberturas de teia, enrolamentos e outras soluções pessoais. Ao começar uma tapeçaria, procuro esquecer o que fiz anteriormente invocando um espírito novo frente ao projeto seguinte. Contorno o ornamental perseguindo impressões emocionais e registos simbólicos.

---

## MARIA JOÃO GROMICHO

Moldes de peças para vestuário  
Estruturas inacabadas à espera de uma resposta para um dia se fundirem no mundo dos segredos, que dão vida às formas.  
Entre o mundo real e o da fantasia, há um tempo sem tempo que percorre uma paisagem que fica no mais profundo do meu “eu”, do interior para o exterior, tão perto e ainda tão longe como uma miragem do próprio deserto.  
A arte enriquece esta espera de ser encontrado, simplificando a complexidade da vida.

**Som Primitivo**

Técnica mista: linho, sisal, juta e  
tampico  
143 x 80 cm  
2004



**Estrutura I**

Técnica mista: linho tingido  
120 x 105 cm  
s/data

**Estrutura II**

Técnica mista: linho tingido  
130 x 99 cm  
s/data





---

## MARIA LUÍSA FERREIRA

A peça «Alentejo» ilustra o meu desejo de, por um lado, libertar a tapeçaria da restrição das 2 dimensões e, por outro lado, de introduzir elementos com texturas diferentes.

Aprofundando esse desejo de trabalhar em três dimensões optei por produzir peças escultóricas originais como as peças «Gêmeos II» e «Velas III». Nos trabalhos expostos mantive-me fiel à técnica Gobelin que neles serve de suporte material mais importante, embora em todos eles também recorra a varas de latão para garantir a perenidade do formato idealizado.

---

## MARIETA MIGUEL

“Fios e Sedas

Num olhar oblíquo à tapeçaria descobrem-se volumes, nós, transparências e múltiplas cores que escoam compassadamente, mas que por vezes quebram esse ritmo pelo choque com outras que lhe são radicalmente opostas.

Os fios e as sedas conduzem ao prazer de entrelaçar, abraçando o que mais fascina, sem obedecer a limites temporais ou cronologias pertinentes; a obra nasce consoante o desejo de exteriorizar o grito existencial, de forma a soltar um desalento, uma felicidade, uma paixão, um instante ou para passar o tempo, para se esquecer do Tempo.

A tapeçaria é uma cumplicidade entre a artista e o real que sofre uma transformação no seu imaginário e ganha forma, libertando de si e em si imagens finais que se diluem num todo heterogéneo, complexo – feliz.”

Ana Isabel Martins

**Gêmeos II** (coleção particular)

Técnica: Gobelin, linho fiado à mão.  
40 x 24 x 17 cm  
s/data

**Alentejo** (coleção particular)

Técnica: Gobelin, linho fiado à mão  
e algodão.  
60 x 120 cm  
s/data

**Velas III** (coleção particular)

Técnica: Gobelin, linho fiado à mão,  
fio dourado e barras de latão.  
37 x 20 x 27 cm  
s/data



**Adão e Eva**

Tapeçaria tecida: sisal e algodão  
Eva: 120x35 cm; Adão: 120x30 cm  
1999

**Natureza Viva**

Tapeçaria tecida: Sisal, Algodão,  
juta e bolas de madeira  
Peça do fundo: 105x110 cm; Peça  
sobreposta: 150x58 cm  
1999



---

## MIZETTE NIELSEN

“Tecer é uma longa e contínua atenção.  
Se não for igualmente  
uma profunda e silenciosa meditação...  
Tudo o que é Geométrico é arquetípico.  
Ou seja, remete-nos a um padrão de Ordem  
Universal.

(...)

Mantas. Diversas, variadas,  
de muitas ou poucas cores.  
No entanto algo semelhante as caracteriza  
que as torna inconfundíveis, familiares...

Quem não se lembra de uma manta assim!

São mantas que transcendem a dimensão do  
objeto,  
Já pertencem à memória da alma...”

Maria Flávia de Monsaraz  
In *Mantas Alentejanas*, Mizette Nielsen, 2010

---

## SÁNDRINA ESPIRIDIÃO

Um planeta que se diz (ainda) ser azul, manchado  
por rios de sangue que cavam os seus leitos e mar-  
cam a crosta à sua passagem. uma nuvem cinzen-  
ta que não se evapora liga as chaminés ao infinito  
celeste. Nunca o tempo foi tão escasso, nunca as  
mãos estiveram tão sujas, o negro entranhasse e  
passa a um vermelho dolorido, lavamos mas não  
sai. Calçamos as luvas, assim ninguém verá as mar-  
cas das nossas mãos.

“dos trabalhos do mundo corrompida  
que servidões carrega a minha vida”  
Herberto Hélder

**Manta de Monsaraz**

Técnica: tecelagem horizontal  
com lã  
180x220 cm  
2016

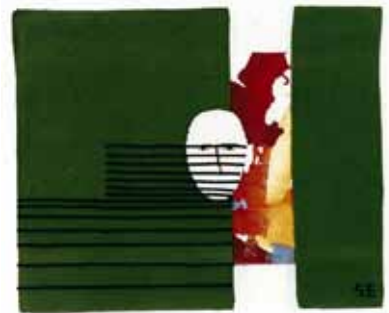


**Divagando sobre um planeta que  
já foi azul**

Lã  
100x120 cm  
1995

**Racismo**

Lã  
100x125 cm  
1994



---

## TERESA OGANDO

### Através da teia

Ao entrar por esta *porta*, abrem-se perspectivas de conjugação do gosto de manusear com a alegria de captar os materiais e desenhos avistados na natureza.

### 4 Elementos

Experiência. Relacionada com a minha busca constante de integrar materiais respigados da natureza.

---

## TÉRESA SEGURADO PAVÃO

“A memória portuguesa não olvidará facilmente nem o perfume das especiarias nem a poesia dos seus nomes. Já tudo isso evoca, sem o esforço de pensar, evoca subtilmente um simbolismo familiar, aventureiro e tenaz. Parece-me, contudo, que estas montagens de tão diferentes coisas como que fazem parte dessa memória, desse registo sentimental e visionário de português; associam ideias, sensações e imaginários, vão atando com corda de barco a palmeira do oásis, o ferro da mina, a pedra do caminho, num objecto que é tapeçaria, num objecto que é escultura e que se ergue ou se reclina numa aparição de símbolos. (...) a sedução africana vem ao de cima e com ela outra, a oriental, também possível mas mais rara.”

Fernando Azevedo

In *Catálogo Exposição Tramas e Sortilégios*,  
Museu Nacional do Traje, Lisboa, 1989

**Através da teia**

Fio de sisal tingido e fios de seda.  
77x14 cm



**Osso de Madeira**

Madeira, barro, óxidos, cânhamo,  
prata  
55x16x8 cm  
1988





---

# IMAGO — 2

ANA GONÇALVES DE SOUSA  
ANA MARIA GONÇALVES  
ANA TECEDEIRO  
CATARINA DANTAS  
CRISTINA VILAS-BÔAS  
DORA-IVA RITA  
FILIPA FLORES  
HUGO FERRÃO  
SÓNIA GODINHO  
TERESA MATOS



---

## ANA GONÇALVES DE SOUSA

Na arte, como na vida, há um movimento, uma metamorfose constante, visível ou invisível, perceptível ou não.

*Flying away* remete-nos para um jogo que quase todos nós realizámos na nossa infância. O processo consistia em colocar aparas de cera, ou tinta, sobre uma folha de papel, e dobrá-la ao meio. O resultado era uma imagem colorida e simétrica. Depois, com imaginação, tão fluída nessas idades ingênuas, dávamos nome ao que surgia, como que por magia, na folha de papel. E sentíamo-nos uns deuses, a criar algo e ao nomeá-lo com a certeza de quem ainda não tem nenhuma convicção determinada. Então podia ser um pássaro azul, uma flor em botão, o sol, uma formiga, a nossa melhor amiga com um chapéu, a avó com bolos acabados de fazer, uma carocha, uma centopeia, tudo o que desejávamos que fosse, tudo o que fosse sugerido pela nossa vontade. Penso que os animais são as personagens principais do universo infantil. Nos meus sonhos apareciam muito... Lembro-me de sonhar com lobos que me roubavam gelados (e isso era um pesadelo!), e também com tartarugas enormes que estranhamente habitavam o espaço escuro e desconhecido que ficava por debaixo da cama.

Enfim, o que via durante o dia era transformado à noite e ganhava formas distorcidas e inusuais. Também nesse jogo o mesmo acontecia. Muitas vezes, a abelha não era bem uma abelha, também podia ser uma borboleta, um bicho-de-conta... As formas contaminavam-se, eram isto, mas também podiam ser aquilo, e não eram só isto ou só aquilo. Talvez tenha sido nessa idade, desde muito cedo, que aprendi que uma coisa não é só isto ou só aquilo, mas muitas coisas ao mesmo tempo. Um não é igual a um. Que ideia complicada... As coisas não são estáticas, estanques. Na arte, como na vida, há um movimento, uma metamorfose constante, visível ou invisível, perceptível ou não.

---

## ANA MARIA GONÇALVES

Vestido realizado a partir de moldes base, incorporando no decote uma capa adornada e na extremidade inferior um bordado com missangas de três cores (preto, encarnado e prateado) e dois tamanhos, como se de ameixas se tratasse. A cruz desenhada com bordado a *ponto atrás* e missangas no interior, conta com oito taxas cromadas e oito pedras encarnadas. Há uma segunda cruz, bordada igualmente a *ponto atrás*, com linha de algodão das mesmas cores (encarnado e preto).

**Flying away IV**

Técnica mista  
Manga plástica s/ fio de nylon  
400 x 120 cm



**Protótipo em pano-cru**

Exercício de modelação no  
manequim  
Unidade de Formação de *Moulage*  
Curso Profissional de Modelação  
Industrial  
Dimensões variáveis  
s/data



---

## ANA TECEDEIRO

### ARTIST STATEMENT

O meu trabalho enraiza numa necessidade interior de reorganização do mundo.

Em cada série reinvento novos processos, porque a minha motivação criativa pede tentáculos que toquem a vida em toda a sua amplitude. Interessa-me particularmente trabalhar com materiais que encontro ou que resgato das minhas actividades quotidianas. Esses materiais têm já em si uma energia, são portadores de memórias das suas vidas passadas.

As técnicas a que recorro são muito simples, gestos ao alcance de qualquer mão, que repito vezes sem conta, conferindo às peças a densidade do tempo e a verdade do processo. O resultado é uma devolução ao mundo dos elementos que nele recolhi, mas desta vez filtrados por mim, ordenados segundo novos sentidos.

Não fujo do erro, da hesitação, do absurdo. Penso que a arte quando é verdadeira deve ter tanto de absurdo como a própria vida. Uma e outra buscam incessantemente o seu próprio sentido.

---

## CÁTARINA DANTAS

A importância de registar diariamente os pensamentos e ideias, advindas das experiências do quotidiano é útil não só para a exploração individual na busca pelo auto conhecimento, como também, para um maior entendimento sobre os estados de espírito que a alma humana pode alcançar. Denotado o valor desta ação quotidiana, e, entendendo como registo todo o tipo de apontamento escrito, gráfico, fotografado ou gravação audiovisual, nasce o motivo do meu trabalho, que visa traduzir pictoricamente alguns dessas anotações diárias, transformando-as em vibrações de cor que não só pretendem tatear subtilmente os sentidos, como também, elevar o que, no decorrer do dia-a-dia se torna banal e desprovido de atenção. Admitindo que somos a soma de todos os acontecimentos que se vão desencadeando e das sensações a estes correspondentes, logo é essencial uma introspeção acerta do acumular de feitos e condicionantes que constituem o dia, de forma a encontrar o entendimento sobre nós, sobre o mundo e sobre o Universo.

Transcrevendo para a dimensão de pintura, visto que é de cor que o meu trabalho se apropria, cada uma das peças corresponde a um registo particular, trabalhado em tapeçaria e debatido enquanto conceito, ao longo da sua conceção, na procura

individual de conhecimento sobre a ação registada. Podendo portanto, falar-se de uma espécie de “paisagens” que nascem na procura de entender os registos captados pelos sentidos e de dar corpo a dimensão do sensível.

Numa segunda fase, estas “paisagens” são construídas não só de registos pessoais como de outros indivíduos, procurando também realçar o facto de que todo este processo de auto conhecimento é comum a todo o Homem. Sendo que esta obra pretende, assim, tocar em três parâmetros, sendo eles, o da importância do registo diário, da necessidade de introspeção e de debate sobre o motivo de registo e o de desmontar a noção de individualismo perante as experiências quotidianas. Pois, embora cada um tenha uma diferente conceção do mundo e das coisas, a sensibilidade, por maior ou menor que seja, é comum a todo o ser humano. Mediante os resultados deste trabalho, o espectador é levado a embarcar na visão, materializada em tapeçaria, sobre um dado acontecimento, mediado pelo autor da obra, que pretende falar da forma como apreendeu determinados registos, trazendo a noção de que por mais diferenciadas que sejam as conceções que cada um de nós tenha do mundo e das situações vivenciadas, não são vivências isoladas e individuais.

**Ana Tecedeiro**

*Deambulação* (Série Agrafagens)  
Fragmentos de Papéis Diversos e  
Agrafos  
72 x 90 cm (Formato Irregular)  
2013



**Diário Têxtil,**

Portalegre e Tafetá,  
Lãs diversas e linho,  
Dimensões variáveis.  
2014



---

## CRISTINA VILAS-BÔAS

Mescla, jardim de arte contemporânea...  
Torna vívido o mortificado, primaverando:  
O papel-lixo florea-se na arte.  
De onde vens tu, ó Mescla?  
...Da celulose?  
... Dos pigmentos naturais telurianos?  
...Do Paleolítico ou do Neolítico?  
...Do platar de uma tira de chapa?

Mescla, és ubíqua?  
Viram-te na calçada portuguesa...  
... nos documentários e entrevistas....  
... nas demonstrações de técnicas...  
... nas exposições e instalações...  
Assim diz a Mescla:  
Sou o escape de “-Bôas”,  
do brotar da sua imaginação artística.

---

## DORA-IVA RITA

*Os Naufragos* fazem parte de um conjunto de pequenas peças, intitulado *Do Azul do Mundo*, construídas por processos tecnológicos com proximidade ao dos têxteis tradicionais. Um lento enchimento de estruturas que se vão animando, enquanto se manipulam, desenvolvendo iniciativas expressivas para diversas interações, que por sua vez definem padrões estruturais que desencadeiam e organizam sistemas semânticos diversos. Inspirado inicialmente nas mantas de retalhos tecidas a partir da recolção de roupa em desuso, o azul revelou-se através da obra de *Ives Klein* e do pigmento de cobalto mediterrânico, que se revelou ser um elemento agregador desses sistemas, criando uniformidade na linguagem pictórica.

**Mescla**

Técnica mista: instalação – (2 biombos) ferro, papel artesanal reciclado, pigmento de acrílico e incrustações em diversos materiais (chapa de ferro, lã, tecidos, entre outros)  
180 x 90 x 4 cm  
2015



**Do Azul do Mundo – Náufragos**

Técnica mista: arame de cobre, pano de algodão, têmpera.  
36 x 22 cm  
2006



---

## FILIPA FLORES

Entabulo pontas de fios num monólogo infinito,  
Que inspira e expira o movimento dos ponteiros  
de um relógio.

Tramo,  
Aramo,  
E aranho o que virá depois.

Teço sem rupturas  
Os olhares que vindo, de través, são meus.

Numa espiral, imprimo sentimentos que só eu  
conheço,  
Onde o grafismo, esse travesso ruído, é a pertur-  
bação que não me deixa descansar.

---

## HUGO FERRÃO

As imagens fotográficas foram realizadas em Trás-os-Montes, na aldeia de Limões, concelho de Ribeira de Pena, no início dos anos 80, graças à orientação e cumplicidade dos professores Rocha de Sousa e Manuela de Sousa, então docentes da unidade curricular de Tapeçaria da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Estes registos, feitos na luz dos dias, fazem parte do levantamento levado a cabo enquanto estudante e são testemunhos desses momentos intemporais que somos capazes de «coisificar» através dos «olhos mecânicos» das máquinas, funcionando como extensões da visibilidade imagética que nos habita.

As mestras D.<sup>ª</sup> Ana Erénia Gonçalves e a D.<sup>ª</sup> Maria Joaquina Fernandes Pires iniciaram-me na arte e ofício da tecelagem do linho, uma actividade plena de mitos e rituais em que as sementes delicadamente colocadas na terra por «mãos alquímicas» evocam a transcendência do ciclo da vida, associada ao eterno retorno e ao renascimento dos seres. As mestras integraram-me no ciclo tradicional de ensino-aprendizagem têxtil, uma arte/ofício capaz de realizar na sua longa feitura uma «obra» indissociável da espiritualidade que religa e dá sentido maior à própria existência. A transmissão dos conhecimentos, das técnicas e da tecnologia, faz-se no labirinto do «teatro da memória» nas

narrativas oralizadas que transportam «saberes cantados» (Adriano Duarte Rodrigues) que são capazes de descoberta e negação da redução da vida a enclausuramentos tecnológicos das sociedades pós-humanas.

Os desenhos (puxados) são registos gráficos que se revestem de algum secretismo, são legado e património da tecedeira que o entrega à sua família (filhas, netas, sobrinhas), como «mapas» personalizados que passam de geração em geração. Alguns destes desenhos gentilmente cedidos pela Mestreira D.<sup>ª</sup> Joaquina Pires foram recuperados na Faculdade de Belas-Artes (Tapeçaria). Estes «riscos» alertam-nos para a necessidade e significado da sua preservação, tornam-se inadiáveis pela sua beleza, foram capazes de emergir na materialização da fundação da Cooperativa Grupo de Tecelagem de Limões (1986) e mais recentemente na criação do Centro de Interpretação – Museu do Linho (2014), que alberga a cooperativa e simultaneamente sistematiza museologicamente os rituais, os instrumentos, as imagens que fixaram os sorrisos das pessoas, os sons das palavras, os gestos irrepetíveis evocando um tempo e um espaço encantatórios testemunhados por breves instantes, tão intensos e transformadores que se tornaram inesquecíveis.

**FILIGRANAS**

Tapeçaria bordada à máquina  
Linha dourada s/ organza preta,  
suspensa em varão de acrílico.  
235cm X 100cm  
2016



**Fotografias e desenhos (puxados)  
do Ciclo do Linho da Aldeia de  
Limões**

Fotografias: Mestras D<sup>a</sup> Ana Erénia  
Gonçalves, D<sup>a</sup> Maria Joaquina Pires  
e a aprendiz Delmira.

Fragmentos de desenhos recol-  
hidos para serem utilizados na  
feitura das obras tecidas.

1980-2015





---

## SÓNIA GODINHO

Na interminável espera, tecem-se inacabados panos, que nascem à noite das mesmas mãos que, durante o dia, podam e lavram as vinhas, das mesmas mãos que, rudes e gastas pelo tempo e os duros afazeres, tarde e pela hora dos cansaços, se transformam num paciente e devoto instrumento de graciosidade. E é sempre inacabados que eles são continuados num outro, num recomeço incessante que busca esgotar um tempo que não passa e se prolonga nas teias da metamorfose que se dá enquanto se tece e se procura não pensar, descansar, fugir de alguma coisa que assombra. Achar, nesse vazio, o sossego que a noite não traz. São testemunhos das dores, medos e anseios, dessa demora que, não só se prolonga, mas se repete todos os dias, ou todas as noites, enquanto tecem esperanças em vez de panos.

---

## TÉRESA MATOS PEREIRA

Apelando a plasticidades particulares que compreendem um universo de texturas, elasticidades, temperaturas e volumetrias, as matérias têxteis proporcionam uma interpelação do observador, levando a tocar, a sentir, mas também a rememorar os gestos e os ritmos que entranham a preparação da matéria e a construção das peças. Órgão#1 e *Órgão#2* procuram, através da sua materialidade, não só convocar os domínios da memória táctil, mas também adensar a ambiguidade entre o natural e o artificial, o germinado e o construído, que metaforiza a intervenção humana nos ciclos de vida. A hibridez destes órgãos remete para as inúmeras possibilidades de manipulação, dissecação e hibridação dos corpos que se vão configurando no campo científico, introduzindo descontinuidades, alterações e transmutações nos ciclos vitais, consolidando o papel do ser humano como artesão do tempo e da vida.

**Penélope**

Técnica mista: materiais têxteis  
diversos sobre telas  
120 x 60 cm  
2011



**Orgão #1 OU Orgão #2**

Técnica mista: matérias têxteis  
diversos  
150 x 60 x 134 cm OU 150 x 35 x  
85 cm  
2001-2002





---

# IMAGO — 3

BÁRBARA CRUZ  
CAROLINA SANTOS  
DANIEL XAVIER  
GUILHERME RAMOS  
HABIB HAMED AFSAR  
JOANA LEITÃO SALVADOR  
MADALENA MENDES  
MAFALDA GARCIA  
MÁRCIA MARQUES  
SARA SILVA PEREIRA  
SUSANA CRUZ

---

## BÁRBARA CRUZ

### VENEZA

Esta microtapeçaria, materializa o sonho de viajar para um espaço magnífico, que é representado pela cidade de Veneza e suas múltiplas implicações oriundas das leituras de romances, dos bailes de máscaras, da ópera, dos passeios de gôndola pelo Grande Canal, dos filmes e dos ensaios sobre esta cultura. Desde miúda sou constantemente transportada para estas imagens que alimento e me atormentam.

O obra realizada parte de uma vista aérea de Veneza. A tapeçaria propõe dois espaços; o bidimensional/plano, e o tridimensional/escultórico. O momento plano é influenciado pelo desenho do mapa de Veneza (corda rustica (bege/amadeirado) e o momento tridimensional pelo famoso Grande Canal, como «coração» da peça, acentuando a vivacidade e o mistério que emana da própria obra. Nesta tapeçaria sobressai o bege e o azul/ a terra e o mar, portadores de simbologia da cor veneziana.

---

## CAROLINA SANTOS

O projecto que desenvolvi ao longo deste semestre intitula-se de “Ligação” e consiste num conjunto de sete telas e dezasseis fotografias. Tendo por base o conceito de memória, foquei-me nas ligações que as pessoas estabelecem desde a sua existência em sociedade, nos laços de afectividade e na sua importância, abordando o tema das relações humanas. Pretendi representar registos de interacções entre duas ou mais pessoas. Recorri a uma selecção de fotografias da minha infância como base da realização do projecto, o que o torna muito pessoal, no entanto a minha intenção foi fazer uma abordagem as interacções pessoais de forma geral, remetendo talvez para uma ideia de família ou de amizade. Procurei, por esta razão, representar nas pinturas, de forma mais realista e detalhada a parte inferior da imagem, onde é possível perceber a proximidade, os gestos e a postura perante a presença do outro, é a base da relação, já a parte superior das imagens, relacionada com a identidade e o rosto, aparece *pixelizada*, sugerindo uma ideia de construção e desconstrução, onde as emoções e os sentimentos se unem e se afastam, estabelecendo ligações através de quadrados coloridos que sugerem uma enorme aproximação da imagem. A nível plástico um dos meus principais objectivos foi estabelecer uma ligação entre dois mundos, o abs-

tracto e o figurativo, conseguir que ambos convivessem numa mesma pintura, completando-se e sendo possível ao mesmo tempo serem observados separadamente. Optei assim por pintar a parte inferior de um modo figurativo e mais detalhado, utilizando o preto e branco, procurando, através do detalhe, traduzir a força dos gestos e das presenças, na parte superior utilizei cores remetendo para uma *pixelização* da imagem levada quase ao extremo, onde é automaticamente implícita a ideia de complementação da imagem mas ao mesmo tempo uma dispersão da mesma, sendo possível imaginá-la e interpretá-la de formas diversas. Com a utilização da linha para preencher alguns dos quadrados, a minha intenção foi vincular a existência de uma relação entre outros dois contrastes, o mundo digital, inserindo o *pixel*, o ponto mais pequeno de uma fotografia, e a tapeçaria, e toda a tradição a que é associada, ligada à manufactura, estabelecendo uma união entre o passado e o presente. Fiz ainda intervenções em fotografias antigas, eliminando ou retirando algum destaque aos diferentes planos secundários através da pintura e do desenho, dando ênfase às figuras principais. Com o uso de linhas de diferentes cores cosidas sob as fotografias, ocultei parte da identidade, distribuindo pequenos quadrados de forma mais dispersa.

**Veneza**

Técnica: Tapeçaria tecida em tafetá e aplicações e enrolamentos, fio de algodão e sisal  
70x80cm  
2016



**Primeiras Bordado s/ Tela**

Sem título, 2015, técnica mista s/ tela, 30x30cm

Telas Verticais

Sem título, 2016, óleo s/tela, 80x60cm

Telas Horizontais

Sem título, 2016, óleo s/tela, 60x80cm

Placas Madeira

Sem título, 2016, Técnica mista s/ fotografia



---

## DANIEL XAVIER

A desconstrução pessoal num confronto eminente, quebrando as nossas máscaras, alimentadas por raízes profundas, com movimentos bruscos, criando linhas simplificadas, invisíveis a olho nu, e permitindo-nos sair do auto aprisionamento através de um processo de conhecimento próprio, como se estivéssemos a enfrentar uma segunda presença presente em nós, maior e mais forte que nós mesmos.

---

## GUILHERME RAMOS

O mar. A imensidão. A necessidade de ser imenso, infinito, ser tudo num só corpo. Perder-me e de seguida encontrar-me numa nova realidade. Ainda, a condição de ser, de existir. A perceção da efemeridade e fragilidade do enigma que é estar vivo. Somos breves. Como domesticar o tempo?

**Daniel Xavier**

R II e R III

Tapeçaria bordada sobre fotografia

Dimensões: s/d

2016



**Mar(l)inha**

Técnica mista: acrílico e linha sobre  
talagarça de algodão

Dimensões variáveis

2015





---

## HABIB HAMED AFSAR

Of blue flowers  
A mad woman stopped me on the street this  
morning  
and said she wanted my beautiful scarf.  
I didn't know what to do, so I gave it to her.  
It was cold though and I was confused...  
She took it and stared at it...  
Then me...  
And gave me hers...  
White with blue flowers  
She put on her new scarf and I did mine.  
We hugged.  
She said she was from Angola:  
«Look at my african nose!  
My son is whiter than my mother though!»  
We parted.  
I smell her on me  
and my new scarf is quite warm!

De flores azuis  
Uma louca parou-me esta manhã na rua  
e disse-me que queria a minha linda écharpe.  
Eu não sabia o que fazer, então dei-lha.  
Estava frio e eu fiquei confuso...  
Ela agarrou-a e olhou-a fixamente...  
Depois olhou para mim...  
E deu-me a dela...  
Branca.  
Com flores azuis.  
Ela colocou a sua nova écharpe  
e eu coloquei a minha.  
Abraçámo-nos.  
Ela disse-me que era de Angola:  
«Olha para o meu nariz africano!  
O meu filho é mais branco  
do que alguma vez a minha mãe imaginou!»

Fomos embora.  
Sinto o seu cheiro em mim  
e a minha nova *écharpe* é tão aconchegante!

---

## JOANA LEITÃO SALVADOR

O conceito abordado nesta série é a meditação, apelando a associações relativas às cores, emoções e pensamentos. As cores e as técnicas que foram usadas têm influência dos rituais budistas e as “bandeiras”, postas por eles ao vento como forma de espalhar as suas orações. As tapeçarias são executadas em grande escala, feita com retalhos de tecido reciclado, cortado em retângulos, cosidos e inseridos na teia. As cores dominantes na primeira tapeçaria são o vermelho, o amarelo e o branco, um jogo de cores que, na segunda tapeçaria, é invertido para o negativo, ou seja, para as mesmas cores em tons mais claros.

Texto que acompanha a última obra: You Gonna have to serve somebody

Inspirei-me no *patchwork* da minha avó. Com formas de quadradinhos numa harmonia de tons avermelhados roxos acastanhados e rosas, para fazer a minha tapeçaria.

Também me inspirei na música do Bob Dylan “You Gonna have to serve somebody”, que é o título da tapeçaria, que como livre pensador nos fala de ter um objectivo, seja ela de deus ou do diabo.

O meu objectivo foi fazer esta tapeçaria de trama lisa com quadradinhos interlaçados. Um objectivo como fim em si próprio.

A tapeçaria tem as medidas 100 X 81 cm, os materiais são lãs de 100 por cento lã, porque prefiro usar matérias-primas. O facto de a lã ser muito fininha, prolongou bastante o tempo de finalizar a obra. O próximo passo é meter a moldura com a tapeçaria dentro de uma caixa para ter um melhor enquadramento e suporte.



*You Gotta Serve Somebody*, 100 x 80 cm. Tecelagem com fio de lã.



---

## MADALENA MENDES

Nos “cofres” (que é como quem diz “o sótão” da minha mãe), encontrei inúmeros desenhos e obras de arte feitas por mim quando tinha 3 anos. Fascinada com este bocado de mim algo esquecido, decidi criar um puzzle-autorretrato com estes desenhos (todos entre 1997 e 2002), que transportam com eles tudo o que fazia parte do “meu mundinho” na altura da minha (mágica) infância; tudo o que para mim existia e era crucial para a minha existência: a mãe, o pai, o irmão, a natureza, o cavalo, as princesas, os monstros. Com este puzzle gigante, as crianças (e os adultos) podem brincar, construindo, com as imagens do meu eu, o eu delas. Elaborando o seu próprio puzzle.

---

## MÁFALDA GARCIA

A região do atual país fez parte da China Imperial por mais de um milénio, a partir de 111 a.C até 938 d.C. Os Vietnamitas tornaram-se independentes da China Imperial no ano de 938, após a vitória vietnamita na batalha de Bach Dang. Dinastias reais vietnamitas sucessivas floresceram quando a nação se expandiu geográfica e politicamente para o Sudeste da Ásia, até a península da Indochina ser colonizada pelos Franceses em meados do século XIX. Na sequência de uma ocupação japonesa, na década de 1940, os Vietnamitas lutaram contra o domínio francês na Primeira Guerra da Indochina, que resultou na expulsão dos Franceses em 1954.

A partir daí, o Vietnam foi dividido politicamente em dois estados rivais, o Vietnam do Norte e o Vietnam do Sul. O conflito entre os dois lados se intensificou, com forte intervenção dos Estados Unidos, no conflito que ficou conhecido como a Guerra do Vietnam. A guerra terminou com a vitória norte-vietnamita em 1975. Após a vitória do Vietnam do Norte sobre o Vietnam do Sul, representado pela Frente Nacional de Libertação do Sul do Vietnam, o país passou a ser a República Socialista do Vietnam, mantida até aos dias atuais.

De acordo com o budismo, o renascimento em existências subsequentes deve antes ser entendido como uma continuação dinâmica, um constante processo de mudança - “originação dependente” (sânscrito: *pratitya-samutpāda*) - determinado pelas leis de causa e efeito (carma), em vez da noção de um ser encarnado ou transmigrado de uma existência para outra.

Cada renascimento ocorre dentro de um dos seis reinos, de acordo com os nossos reinos de desejos, podendo variar de acordo com as escolas:

- seres dos infernos: aqueles que vivem em um dos muitos infernos;
- preta: o reino de seres que padecem de necessidades sem alívio, sofrimen-

to, remorsos, fome, sede, nudez, miséria, sintomas de doenças, entre outros

- animais: um espaço de divisão com os humanos, mas considerado como outra vida;

- seres humanos: um dos reinos de renascimento, em que é possível atingir o nirvana.

- semideuses: variavelmente traduzido como “divindades humildes”, titãs e antideuses; não é reconhecido pelas escolas Teravada e Maaiana, que os consideram como devas de nível mais baixo;

- deva: comparado ao paraíso

Com este projecto pretendo explorar algumas das vertentes do budismo através das suas passagens bem como o conceito de memória que está implícita.

O uso das bolsas, as quais chamo bolsas de oração, nas quais está implícita uma imagem de Deus que acompanha o ser humano no seu caminho, revelar-se-á por sua vez imagens pictóricas – símbolos da salvação do Homem e das suas memórias.

O Deus neste caso é a pintura e é com ela e através dela que o homem se liberta.

Assim sendo devemos sempre questionar-nos com a seguinte reflexão do poeta:

*“Procure as razões que o levam a escrever; verifique se elas lançam raízes nas profundezas do seu coração, pergunte e responda a si mesmo se morreria caso o impedissem de escrever. E acima de tudo: pergunte a si mesmo no mais silencioso da noite: tenho de escrever? Mergulhe nos abismos da sua essência de uma resposta profunda”*

**Puzzle**

Técnica mista: Almofadas cheias com drakalon;  
tecido de algodão bordado a fio de algodão  
pintado a acrílico e com aplicações  
em feltro  
280 x 360 cm  
2015



**Caixa memória II**



---

## MÁRCIA MARQUES

O ser humano, como ser vivo que é, passa por etapas que inevitavelmente existem durante o percurso que conhecemos por “vida”. A vida é considerada um ciclo. No entanto, é possível determinar um início: o nascimento; um desenvolvimento: a idade adulta; e até, numa perspetiva séptica, um fim: a morte. Cada uma destas fases apresenta características diferentes, tanto físicas como psicológicas. Em Fases da Vida, a escolha das cores e dos tecidos está associada a cada fase e as espirais metálicas, que envolvem os tecidos, traduzem as suas dificuldades específicas.

---

## SARA SILVA PEREIRA

Criei este projecto em torno das minhas avós, duas pessoas muito presentes na minha vida, todos os dias. Apesar de terem personalidades muito diferentes uma da outra (diria quase antagónicas), têm em comum o peso da doença mental –cada uma a sua -a par de uma imensa saúde física, o que muito me fascina.

Após ter captado os rostos e mãos das avós através do *scanner* e de experimentar criar linhas coloridas em cima das rugas, decidi focar-me em fragmentos ampliados destas imagens, dando ênfase aos traços físicos característicos de ambas através dos quais as reconheço imediatamente: as características da pele, das unhas, os traços faciais, o formato dos dedos...

Ao coser as linhas nos rostos das avós penso sempre nas duas: ambas costuraram durante toda a sua vida, e agora não se lembram de como isso se faz. É portanto um trabalho dedicado às duas, que me ensinaram a coser desde pequenina, que coseram muitos vestidos para mim e para as minhas bonecas, e que me ensinaram o que precisei de saber para conseguir realizar estes trabalhos.

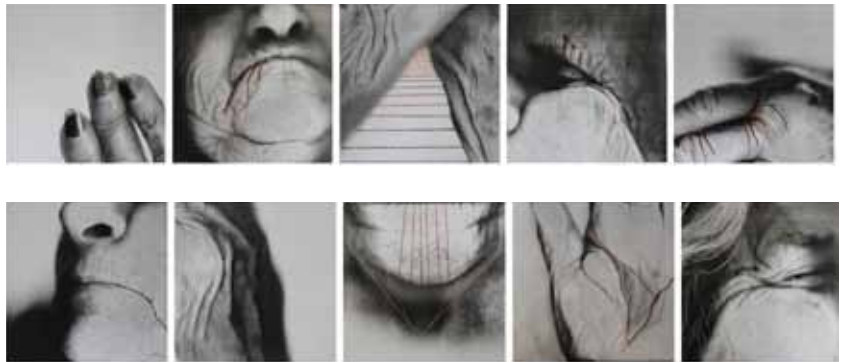
**Fases da vida**

Técnica mista: metal, tecidos e  
néon  
200 x 69 x 205 cm  
2015



*Sem título,*  
linha sobre papel

29x29 cm  
2016



---

## SUSANA CRUZ

Relação – ligação entre duas partes que não acontece de forma igual. A desigualdade confere-lhes diferentes formas. Uma delas, a maior e, por isso, entidade protetora, apoia-se sobre a outra. A mais pequena, frágil, guarda em si a energia-força que possui e a que recebe da outra parte. A humanidade acontece porque alguém escolhe doar o seu tempo e a sua vida a outro ser. O centro da vida das duas entidades é a mais pequena, o que torna a protetora um ser incompleto, quando na ausência da protegida.

**Imagem 1**

Brahmarandhra, 2015  
Tecelagem escultórica  
Processo de execução  
Dimensões variáveis



**Imagem 2**

Brahmarandhra, 2016  
Tapeçaria instalativa  
Dimensões variáveis







---

# CURRICULA VITAE

## **IMAGO — 1**

ALVES DIAS  
ANA ISABEL M. RODRIGUES  
FERNANDA MATOS  
GISELLA SANTI  
GRAÇA NEVES  
GUIDA FONSECA  
INÊS CARRELHAS  
LENA HORTA LOBO  
MARIA ALTINA MARTINS  
MARIA CANDIDA MARQUES  
MARIA DELFINA MACEDO  
MARIA JOÃO GROMICHO  
MARIA LUÍSA FERREIRA  
MARIETA MIGUEL  
MIZETTE NIELSEN  
SANDRINA ESPIRIDIÃO  
TERESA OGANDO  
TERESA SEGURADO PAVÃO

## **IMAGO — 2**

ANA GONÇALVES DE SOUSA  
ANA MARIA GONÇALVES  
ANA TECEDEIRO  
CATARINA DANTAS  
CRISTINA VILAS-BÔAS  
DORA-IVA RITA  
FILIPA FLORES  
HUGO FERRÃO  
SÓNIA GODINHO  
TERESA MATOS

## **IMAGO — 3**

BÁRBARA CRUZ  
CAROLINA SANTOS  
DANIEL XAVIER  
GUILHERME RAMOS  
HABIB HAMED AFSAR  
JOANA LEITÃO SALVADOR  
MADALENA MENDES  
MAFALDA GARCIA  
MÁRCIA MARQUES  
SARA SILVA PEREIRA  
SUSANA CRUZ



**ALVES DIAS**  
alvesdias5@gmail.com

Vila de Rei, 1952. 1972 — Curso de Pintura da Escola António Arroio, em Lisboa. 1972 a 2008 — Exerceu a profissão de professor no Ensino Particular e Oficial, lecionando as disciplinas Educação Visual e Educação Visual e Tecnológica. 1980 — Conclui o Estágio Profissional nas áreas de Papéis, Cerâmica, Madeiras e Têxteis. 1982 — Interessa-se e dedica-se à Tapeçaria Contemporânea, pesquisando novas formas, criando volumes e texturas, com diversos materiais. 1984 — Curso de Formação em Tecnologia de Materiais Específicos na Universidade de Aveiro. 1988 — Dirige Cursos de Tapeçaria, em Queluz e ingressa no Atelier de Gisella Santi. 1989 — Retoma a sua atividade como Pintor e integra o Grupo 3.4.5. — Associação de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa. Divulga a Tapeçaria Contemporânea, orientando, aulas em Centros de Tempos Livres a nível do Ensino Oficial. 1993 — Curso Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação em Contexto Educativo, na Escola Superior de Educação, em Lisboa. 1997 — Frequência da Licenciatura em Ensino de Educação Tecnológica, na Universidade Aberta, em Lisboa. 1998 — Júri de Seleção no IV Simpósio de Tapeçaria Contemporânea, em Loures. 2011 à atualidade — Faz parte da direção da Associação do Círculo Artístico e Cultural Artur Bual. 2012 — Curso Financiamento de Projetos Culturais através de Patrocínio, Mecenato e Crowdfunding, na Sociedade da Língua Portuguesa, em Lisboa. Exposições: realizou mais de trinta exposições individuais e mais de cento e quarenta coletivas em: Museus, Galerias Municipais e Galerias Particulares, em Portugal, Brasil, Canadá, França e Macau. Prêmios: 1993 — 1º Prémio de Pintura no concurso de Artes Plásticas do Instituto Irene Lisboa. 1994 — Prémio dos Sócios da Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa. Distinção: 1996 — Menção Honrosa na 1ª Bial de Pintura “Prémio Cardoso Lopes”, na Amadora. Referências: está referenciado em alguns livros e revistas de arte. Coleções públicas e privadas: está representado em várias coleções de arte pública e privada



**ANA ISABEL M. RODRIGUES**  
anaimrodrigues@sapo.pt

Lisboa, 1951. 1970-1974 – Curso de Equipamento e Design do IADE. 1973 – Iniciação ao Design Têxtil no AR.CO. 1973-1975 – Estudos para Tapeçaria no ateliê de Maria Flávia de Monsaraz. 1974-1976 – Estudos de Tecelagem no ateliê de Gisella Santi. 1990 – Estudos de joalheria no ateliê Contacto Directo. 1979-1980 – Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) em artes plásticas, Lisboa. 1984-1986 – Bolsa da FCG em pintura, Paris. 1990 – Subsídio da Secretaria de Estado da Cultura para pesquisa de novos materiais. Docência: 1979-1983 – Design Têxtil e Tapeçara na Escola Secundária António Arroio; 1993-1998 – Pintura I e II no AR.CO; 1995-1999 – Desenho I e II como Artista Convidada na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa; Desde 2011 – Desenho I, II e III na Universidade Sénior UIT. Expõe regularmente, destacando das exposições individuais: 1980 – Maré na Círculo de Arte Plásticas de Coimbra e na Galeria Diferença em Lisboa; 1980 – Tecidos, Galeria Diferença. Coletivas: 1981 – Homenagem a José Conduto, Galeria Diferença em Lisboa; 1981 – 10.eme Biennal International de la Tapisserie, Lausanne; 1981 – Sacom II Museu Vostell, Mal Partida de Cárceres; 25 Artistas Portugueses de Hoje, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo; 1981 – Desenhos? Projeto Sena Edifício Mobil, Lisboa. Na sua obra conta com trabalhos de Tapeçaria, Tecelagem, Cenografia (teatro e televisão), Moda – criação e realização de jóias, chapéus e outros adereços.



**FERNANDA MATOS**  
matosfernanda.matos@gmail.com

Carcavelos, 1955. Licenciada em História, iniciou-se na tecelagem em 1982, pesquisando as técnicas de tecelagem tradicional no Alentejo e no Algarve. Partindo dessas técnicas criou tecidos para a Loja Branca e a Loja do Museu Nacional do Traje (MNTTr) em Lisboa. A busca do poder criativo do têxtil levou-a ao ateliê de tapeçaria de Gisella Santi e, em 1994, associou-se ao Grupo 3.4.5. – Associação de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa, participando em exposições coletivas do Grupo. Como síntese do

têxtil tradicional e contemporâneo, desenvolveu o projecto Fios da Memória – uma recriação de peças de vestuário tradicional em técnicas mistas têxteis – que expôs no MNTr e no Museu Etnográfico de Serpa. Nos trabalhos recentes explorou a colagem têxtil na série 7 lugares imaginados, que expôs no Ateliê Galeria Margarida de Araújo, em Serpa, e na Galeria Quinta dos Caniços, em Tires.



**GISELLA SANTI**  
o.g.santi@gmail.com

Pescopagano, 1922-2006. Diplomada em pintura mural pela Escola Santa Maria del Carmine, em Veneza, esta mestra de arte frequentou dois cursos em Milão: um de desenho de modelo pela Academia de Brera e outro de restauro pintura e tapeçaria antiga no atelier do mestre Marino Guandalini. Já em Portugal, dos anos cinquenta até ao início dos anos setenta do século passado, dirige um laboratório de restauro de têxteis antigos. Após 1974, em parte inspirada pelas Bienais de Lausanne, inicia o seu percurso na tapeçaria contemporânea, bi e tridimensional. É fundadora, juntamente com Flávia Monsaraz, da ARA — Cooperativa de Tapeçaria Contemporânea. Lecionou tapeçaria e restauro de Têxteis no seu atelier em Lisboa. Foi professora de tecnologia têxtil na Escola António Arroio, e formadora em diversos cursos de tapeçaria. Fundou o Grupo 345 — Tapeçaria Contemporânea Portuguesa, tendo promovido várias exposições tanto em Portugal como no estrangeiro. Na sua atividade como artista participou em diversas exposições individuais, coletivas e em simpósios de tapeçaria que ela própria dinamizou.



**GRAÇA NEVES**  
goneves@gmail.com

Póvoa Santo Adrião, 1951. Pós Graduação em Comunicação e Imagem pelo IADE da mesma instituição Curso de Design de Interiores e Equipamento Geral. Curso de Formação de Formadores e Certificação de Competências Pedagógicas pelo IEFP. 2007 – Curso WebDesign. 1992 – Design de Comunicação pelo Centro Português de Design e Fundetec. 1987 – Formação

em Imagem Corporativa. 1975 – Bolseira ICEP – desenvolveu competências na Impressão de têxteis trabalhando e visitando Universidades e Design Center, na Suécia e Finlândia. 1974 – Workshop Design Liderado por professores do Pratt Instituto NY, onde iniciou a prática de desenho e Impressão Têxtil. 1984-1986 – Fez um percurso pela tapeçaria com a pintora Gisella Santi e integrou o Grupo 3.4.5. – Tapeçaria Contemporânea Portuguesa, de que faziam parte artistas plásticos portugueses. Ali aprendeu a técnica de tecer em alto liço e iniciou a sua prática em tapeçaria. Participou com trabalhos Têxteis e com a criação e produção de catálogos para as exposições coletivas do Grupo: Sociedade Nacional de Belas Artes; Instituto Franco Português; em Heidelberg na Alemanha. A paixão aconteceu e nunca mais deixou de trabalhar com materiais têxteis desenvolvendo outras técnicas em que o têxtil está presente. O Design como disciplina transversal que é, proporcionou várias experiências em vários sectores de atividade. Os têxteis andaram lado a lado com todas as outras atividades que tem desenvolvido. Por causa da passagem pelos têxteis, aceitou o desafio de integrar os quadros da “Manta”, empresa de exportação de artesanato, onde assumiu a função de Designer capaz de desenvolver novos desenvolvimentos da sua aplicabilidade em produtos de design. O desafio constava assim na criação e desenvolvimento de produtos com identidade, mas revestidos de novas linguagens capazes de se tornarem vendáveis e competitivos no mercado internacional. Desenhou e fez controlo de qualidade de produtos para têxteis-lar. Os produtos desenvolvidos eram inteiramente para exportação, Bloomingdales and Sears nos Estados Unidos e Alemanha eram os principais clientes.



**GUIDA FONSECA**  
guidafonseca@gmail.com

Nasceu em 1955. Artista plástica de formação essencialmente autodidata, dedica-se à tapeçaria contemporânea desde 1988, ano em que frequentou o atelier de Gisella Santi. Foi membro do grupo 3.4.5, Associação de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa. Participou na organização dos II, III e IV Simpósios de Tapeçaria Contemporânea. Integra o grupo de criadores do projeto Água Musa (Aldeias do Xisto). Frequentou o Curso Geral de Artes da Escola António Arroio. Fez diversos cursos: Tecelagem de Cabo Verde — Museu Nacional

de Etnologia, Design e Comunicação — Cearte, Técnicas de Serigrafia-Cearte. Tem desenvolvido várias ações de formação profissional nas áreas de tapeçaria, tecelagem, fiação e tinturaria natural, e participado em diversos eventos culturais e artísticos. Realizou várias exposições individuais e participou em coletivas. É autora de publicações técnicas na área têxtil.



**INÊS CARRELHAS**  
ines.carrelhas@gmail.com

Lisboa, 1964. Começou a trabalhar na área da tapeçaria em 1980 no ateliê de Maria Flávia de Monsaraz e em 1982 entra para o Curso de Artes dos Tecidos na Escola António Arroio. Em 1987 tem a sua primeira experiência na área do restauro de tapeçaria antiga no ateliê de Gisella Santi e em 1988 integra o Grupo 3.4.5. – Associação de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa e começa a participar em Exposições em Portugal e no estrangeiro. Coletivas com o Grupo 3.4.5.: 10.º Aniversário, Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa; I Bienal de Tapeçaria, Matosinhos; FIL Cultura, Lisboa; Museu da Água, Lisboa; Museu de Loures; Casa Museu Álvaro de Campos, Tavira; Galeria Artespaço, Cascais; Centro Cultural de Cascais; 1º Encontro de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa, Sacavém. Com outros artistas e outras técnicas: 4ª Mostra Arte de Portas Abertas Sta Teresa, Rio de Janeiro; Galeria Dom Artysty Plastyka, Varsóvia; 500 Anos do descobrimento do Brasil, Museu do Traje, Lisboa; Les Constructeur de L'Europe, Nuit Blanches, Paris; Um dia pela Vida, Pousada D. Afonso II, Alcácer do Sal; Galeria Municipal de Sobral de Monte Agraço; Mosteiro Flor da Rosa, Crato; Mostra Têxtil. São Paulo e Rio de Janeiro; Designe + Têxtil, São Paulo; Arte Mensagem, Palácio da Independência, Lisboa; Arte Mensagem, Casa dos Cubos, Tomar. Individuais: Museu Nacional do Traje, Lisboa; Instituto Camões, Brasília; Museu de Arte da Bahia, Salvador; Galeria Hebraica, São Paulo; Centro Cultural Laurinda Santos Lobo, Rio de Janeiro; Palácio das Artes, Belo Horizonte; Centro Cultural da Malaposta, Loures; Centro Nacional de Cultura, Lisboa; Galeria de Vilar-Árvore, Porto. Coleções onde se encontra representada: Semapa; CGD de São Paulo; PT; BES Miami, Centro Nacional de Cultura; Coleção do Futuro Museu da Tapeçaria de Castelo Branco e em coleções particulares. 1º Prémio em tapeçaria livre com a obra "Bosque" no concurso "Novos Valores da

Cultura – Tapeçaria e cerâmica. Em 1993 reactivou a área do restauro de tapetes orientais e em 1996 abriu o ateliê no bairro de Campo de Ourique em Lisboa, onde tem o privilégio de resolver com qualidade e minúcia os problemas que cada tapete apresenta.



**LENA HORTA LOBO**  
lenahortalobo@gmail.com

Estocolmo, Suécia. Desde 1976 vive e trabalha em Lisboa. Em 1980 ingressa no Atelier da Gisella Santi em Lisboa e à partir de 1982 integra no Grupo 3.4.5. — Tapeçaria Contemporânea. Desde 1986 trabalha no seu próprio atelier. Frequentou o curso "Têxtil Design", Escola de Arte Carl Malmsten e cursos/workshops de tecelagem, tapeçaria, tingagem vegetal, papel feito à mão na Suécia. Exposições coletivas mais significativas:

9º Trienal Internacional de Tapeçaria, Lodz Polónia; Artistas Nórdicos, Museu da Mãe d'Água Lisboa; A Arte e a Imaginação da Europa, Museu da Água Lisboa; 7 Artistas de Portugal, Galeria da Associação de Arte Fredericia, Dinamarca; Artistas Suecas no Mundo — Museu Milles, Estocolmo Suécia; Casa da Cerca, Almada Portugal; Salão Anual da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa; Bienal de Vila Nova de Cerveira; Bienal de Tapeçaria, Matosinhos; Textilmuseum de Heidelberg, Alemanha; SWEA Art International, Bruxelas, Londres e Paris e XI Bienal de Fotografia Vila Franca de Xira. Exposições individuais: Natura Nórdica, Galeria Interni, Lisboa; Paisagens Têxteis, Museu Nacional do Traje, Lisboa; Tapeçaria Contemporânea, Galleri Sjöhästen, Nyköping, Suécia; Arte Têxtil, Galeria CTT, Lisboa e Percursos — Têxtil/Foto/Papel, Espaço da Junta de Freguesia Sta Catarina, Lisboa.



**MARIA ALTINA MARTINS**  
altinamar@gmail.com

Luanda, 1953. Formação em Design pelo AR.CO; Professora do Departamento Têxtil da Escola Artística António Arroio (desde 1988); Visita de estudo à Índia (1982-83); Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) (1978-79), para investigação de métodos de tecelagem do

património português; Subsídio da Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses (1992-1993); Estágio na Manufacture des Gobelins em Paris (Bolsa da FCG, 1995 e 1996); Visita de estudo à Fondazione della Seta Lizio de Florença (1998). Desde 1980 a 2012 de norte a sul do país participou em 24 exposições individuais das quais destaca: Polén Insaturado, Galeria Leo, Lisboa e Pátria Minha, Guimarães Editores (1980); O Boi do Povo, Museu Nacional do Traje (MNTr), Lisboa (1993); Pátria Mundo (itinerante, apoio do MNTr) (2000/2005); Foz Côa e Joia Têxtil, Museu dos Lanifícios, Núcleo da Real Fábrica Veiga, Covilhã (2010); Viagem Tecida – 20 anos, Museu dos Lanifícios, Núcleo da Real Fábrica Veiga, Covilhã (2012). Das 32 coletivas destaca as que tiveram organização da FCG, no CAM e no Grand-Palais em Paris (anos 1980); Com o Grupo 3.4.5 (1981-2000); Exposição de Arte Sacra, Santuário de Fátima (1990); Constelação, Castelo de Mértola (1991); Castelo de Montalegre (1992); Silenciosa Divisa, MNTR (2008); União, Galeria Municipal de Sobral de Monte Agraço (2010); Um texto-uma obra”, (homenagem a Fernando de Azevedo), Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Portugal (2012); Mensagem, Palácio de Independência (2015). Figurinos em tapeçaria para o Grupo de Teatro o Bando (1990). Está representada em diversas instituições e coleções privadas.

**MARIA DELFINA MACEDO**

Nasceu em Lisboa. Curso do Instituto de Arte, Decoração e Design — IADE. Frequenta aulas de pintura, teoria da cor e têxteis no AR.CO — Instituto de Arte e Comunicação. Estudo de Artes Gráficas com o Dr. Guilherme Pires. Iniciação à gravura na Galeria GRAFIL, Lisboa. 1976, viagem à Alemanha, fábrica Franz Morat, Stuttgart para contacto com sistema de design têxtil aplicado às máquinas de tecer eletrónicas. Ingressa no Atelier de Gisella Santi onde permanece entre 1976/1980. Participa na formação do Grupo 3.4.5. — Tapeçaria Contemporânea Portuguesa, ao qual pertence desde 1978 à 1986, trabalhando individualmente à partir desta data. Participa em mais de 50 exposições com o Grupo 3.4.5. em Portugal e no estrangeiro. Esteve em Bienais de Vila Nova de Cerveira e Lagos; na VI Trienal Internacional de Minitêxtil em Angers 1999/2000; na Trienal Internacional de Tapeçaria, Lodz, Polónia 2001; na Bial de Arte nos Açores. À convite de Lena Horta Lobo integra uma exposição coletiva de Tapeçaria na Dinamarca 2004.

**MARIA CÂNDIDA MARQUES**

correia.marquesj@sapo.pt

Portimão, 1939. 2014 — Termina o curso de formação artística (Artes Gráficas e Design) da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. 1971 — Começa a trabalhar no Atelier de António Garcia. 1976 — Ingressa no Atelier de Gisella Santi, onde trabalha durante onze anos. 1978 — Toma parte na formação do Grupo 3.4.5. — Tapeçaria Contemporânea Portuguesa e expõe com o grupo até ao 10.º aniversário. 1987 — Trabalha e ensina Tapeçaria no seu atelier. Participa em mais de 60 exposições nacionais e internacionais. Está representada em coleções particulares no país e no estrangeiro.

**MARIA JOÃO GROMICHO**

mjgromicho@gmail.com

Ericeira, 1956. Iniciou a sua formação em artes em 1979, tendo percorrido diversas áreas de formação como a pintura de azulejo, o restauro de louça e a pintura na SNBA. É em 1987 que desperta para a tapeçaria contemporânea, ingressando assim no atelier de tapeçaria de Gisella Santi, onde então pertenceu ao Grupo 345 — Associação de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa. Entretanto, foi monitora do Curso de Tapeçaria do Instituto de Formação Profissional, em Faro, e professora de Trabalhos Oficiais, na Escola Secundária da Ericeira. Pela necessidade de dar resposta às suas aspirações e expandir os seus horizontes, inicia em 1994 o estudo em Desenho, Pintura e História de Arte no ARCO — Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa. Em 1998 ingressa no Atelier ARTE ILIMITADA, de Filipe Rocha da Silva, que ainda frequenta. Ao longo dos seus estudos em artes plásticas procurou sempre e de forma incessante,

a experimentação de diversas técnicas inovadoras e criativas. Com o objetivo claro de quebrar convencionalismos e de desenvolver novas técnicas e estéticas a artista continua ainda hoje a revelar uma originalidade notável. Participa em mais de 50 exposições coletivas, nacionais e internacionais, com obras vendidas a colecionadores e apreciadores de arte e realiza várias exposições individuais desde 1991.



**MARIA LUISA FERREIRA**  
mbelomoreira@isa.utl.pt

Exposições Individuais: Galeria Morgados da Pedricosa em Aveiro, integrada no Ano Têxtil — 1995 e Galeria dos CTT de 15 de Outubro a 6 de Novembro de 1996. Participou em mais de 40 Exposições Coletivas: 39ª Conferência dos Handweavers do Norte da Califórnia, 1993 prémio de excelência com a tapeçaria “Yellowstone River I”: 10ª Bienal Internacional de Miniatura Têxtil de Szombathely, Hungria, em 1994; Miniartextil de Como, Itália, em 1995, 1996, 1997, 1998 e 1999; CONVERGENCE 96, Portland, USA; 4º Festival Internacional de Tapeçaria de Beauvais em 1999; 11ª Trienal Internacional de Tapeçaria de Lodz, com “Emerging” em 2004. Obras em Museus: Norton Priory Museum, em Runcorn, Cheshire no Reino Unido. “Dar Pomorza” em Gdynia e no Central Museum of Textiles de Lodz, Polónia.



**MARIETA MIGUEL**  
marieta.m@sapo.pt

Aljustrel. Curso de Artes dos Tecidos da Escola de Artes Decorativas António Arroio. Curso de Pintura da Faculdade de Belas Artes de Lisboa. É Professora do Ensino Secundário e tem vindo orientar cursos de Tapeçaria. Foi sócia fundadora da Quadrante - Associação dos Artistas Plásticos de Loures. Foi membro organizador do I Simpósio de Tapeçaria Contemporânea – Câmara Municipal de Loures. Em 1990 integra o Grupo 3.4.5.- Associação de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa tendo exposto regularmente com o grupo. Está representada em colecções particulares em Portugal e no estrangeiro, Museu Municipal

de Loures Serviços Municipalizados de Loures, L.T.E.- Electricidade Lisboa e Vale do Tejo. Câmara Municipal da Vidigueira. Um dos seus trabalhos integra a colecção do Dr. Mário Soares – oferta da Câmara Municipal de Loures quando da sua visita ao Concelho durante a Presidência Aberta. Tem exposto individual e coletivamente em Portugal e no estrangeiro.



**MIZETTE NIELSEN**  
mizettenielsen@yahoo.com

Holanda, 1941. Vive em Portugal desde 1961, em Lisboa teve uma escola de manequins e fez produção de moda, publicidade e cinema. Organizou o primeiro concurso Miss Portugal e foi responsável pela produção do filme de 007 Ao Serviço de Sua Majestade. Autodidata na arte da tecelagem, em 1974 começou a fazer peças para o decorador de interiores Paulo Guilherme de Eça Leal. Junto com Gisella Santi, Maria Flávia de Monsaraz e outras mulheres fundou a cooperativa – ARA participando na exposição inaugural na Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa e na exposição itinerante. Fez parte do núcleo fundador do Grupo 3.4.5. – Tapeçaria Contemporânea Portuguesa e, até início da década de 1980, colaborou com Gisella Santi fazendo tapeçaria por encomenda e participou em várias exposições no país e no estrangeiro (Alemanha, Holanda, Suíça). Em 1977, adquiriu a Fábrica Alentejana de Lanifícios e, mudou-se para o Alentejo, para Reguengos de Monsaraz. Os desenhos tradicionais das mantas foram mantidos e introduzidos outros de cores mais vivas e diversificadas, características que mereceram o prémio para melhores qualidade e design na Feira Internacional de Têxteis de Helsínquia (1982). Mais recentemente, as mantas têm sido usadas pela decoração de interior na sua forma original ou retalhadas, bem como em acessórios de moda, nomeadamente em botas, acabando por entrar nos grandes circuitos da moda internacional porque, um estilista japonês encomenda tecidos com desenhos de mantas para confeccionar coletes e outras peças de vestuário.

**SANDRINA ESPIRIDÃO**

Sandrina.espiridiao@gmail.com

Paris, 1968. Licencia-se em Artes Plásticas – Têxteis (1995), pela Academia Nacional de Belas-Artes de Sófia na Bulgária. Integra o Grupo 3.4.5. Associação de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa (1994). Em 2002, termina a sua segunda licenciatura em Artes Visuais – Escultura, iniciando neste mesmo ano a sua actividade como professora de artes visuais, tendo passado por várias escolas do país, actualmente, encontra-se a lecionar Tecnologias Têxteis – Tecelagem e Tapeçaria na Escola Artística António Arroio. Realizou várias exposições individuais – pintura e tapeçaria –, e participou em inúmeras exposições colectivas de tapeçaria contemporânea portuguesa que aconteceram no país e no estrangeiro, entre essas, faz-se referência à do Museu da Electricidade, (Lisboa, 1994), à do Museu Arqueológico (Setúbal, 1994), à do Museu de Arte Africana em Dakar (Senegal, 1994), à do Instituto Cultural de Macau (Macau, 1998). Mais recentemente, tem participado em exposições colectivas, com obras de desenho, escultura, colagens e tapeçaria, organizadas pela Câmara Municipal de Benavente.

**TERESA OGANDO**

diary.in.waiting@gmail.com

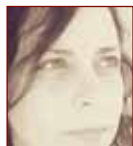
Lisboa, 1953. Licenciatura em Estudos Artísticos - Artes e Património e Pós- Graduação em Estudos Comparados - Literatura e Outras Artes. 1998 – Começa a frequentar o ateliê de Tapeçaria Contemporânea de Teresa Segurado Pavão. 1999 – Frequenta o ateliê de Tapeçaria Experimental, no Museu do Traje, com Gisella Santi. 1999 – Workshop de minitêxtil com Teresa Segurado Pavão. 2000 – Frequenta os ateliês de Tapeçaria Contemporânea de Gisella Santi e de Teresa Segurado Pavão. Exposições Coletivas: 2000 - Museu do Trabalho Michel Giacometti, Setúbal; Museu dos Lanifícios, Covilhã. 2001 – Centro Cultural Raiano, Idanha-a-Nova; Galeria Municipal, Caldas da Rainha. 2002 – Variações em Vegetal na Galeria de Arte CTT, Lisboa. 2008 – Galeria da ADFA, Lisboa. Exposições Individuais: 2001 – XTerna, Portalegre; 2007 – Casa da Cultura dos Olivais, Lisboa.

**TERESA SEGURADO PAVÃO**

tpobjectosdearte@sapo.pt

Lisboa, 1957. Fez o curso da Escola António Arroio e o curso de Cerâmica do IADE, frequentou os Departamentos de Desenho, Pintura e Joalheria do AR.CO, o ateliê de Tapeçaria de Gisela Santi e fez parte do Grupo 3.4.5. – Tapeçaria Contemporânea Portuguesa. Ensina Cerâmica, Têxtil e Vitrinismo em Lisboa. Criou, em Lisboa, a tp – loja de autor, onde trabalha. Expôs individualmente em diversas galerias e museus destacando: Sala, Galeria Belogalsterer (2015); 3553, MUDE – Museu do Design e da Moda, Colecção Francisco Capelo, Lisboa (2013/14); A terra é um cadinho onde os minerais amadurecem, Museu da Ciência, Universidade de Lisboa – Laboratório Químico, Lisboa (2011); Segredos e Relíquias, Museu de Artes Decorativas da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa (2009/10); Tempo de Espera, Museu Laboratório e Jardim Botânico, Lisboa e Galeria de Exposições Temporárias no Núcleo da Real Fábrica Veiga do Museu de Lanifícios, Universidade da Beira Interior, Covilhã (2002/2005); Tudo o que é sólido se dissolve no ar, Museu Laboratório e Jardim Botânico, Lisboa (1996); Tramas e Sortilégios, Museu Nacional do Traje, Lisboa (1989). Participou em várias exposições colectivas em Portugal e no estrangeiro, destacando: Um texto-uma obra, (homenagem a Fernando de Azevedo), Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), Lisboa (2012); Orientation, Fundação Akemia, Japão (1993); Arte Portuguesa, Osmabruck, (1992); Configura 1, Kunst in Europa – Erfur 91, Alemanha (1991); 10.º Aniversário do Grupo 3.4.5. – Tapeçaria Contemporânea Portuguesa, SNBA, Lisboa (1989). VI Trienal Internacional de Tapeçaria, Lódz (1988). Está representada em coleções particulares e institucionais, nomeadamente, no Museu Nacional do Traje, no Museu de Lanifícios – Universidade Beira Interior, na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e no MUDE – Museu do Design e da Moda.





**ANA GONÇALVES DE SOUSA**

anasousa@fba.ul.pt

Lisboa, 1980. Licenciada em Artes Plásticas — Pintura (2003), mestre (2007) e doutoranda em Educação Artística, Ana Gonçalves de Sousa é assistente convidada na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde lecciona há mais de seis anos nas áreas de Educação Artística e Tapeçaria. Enquanto artista, expõe regularmente desde 2002, destacando-se no seu currículo exposições e encontros no âmbito da tapeçaria contemporânea, como *Tex Awake* (2002), exposição colectiva realizada no âmbito do I Encontro da *Texere* (Textil Education and Research in Europe) em Portugal, e as várias exposições que tem concebido e organizado no Museu da Tapeçaria de Portalegre — *Guy Fino* (2011 a 2015). Enquanto docente e investigadora em Educação Artística, lecciona no Mestrado em Educação Artística e no Mestrado Ensino das Artes Visuais, ambos da Universidade de Lisboa, desenvolvendo estudos que apresenta publicamente em conferências nacionais e internacionais, e expondo o seu trabalho, de natureza colaborativa e construtivista, junto da comunidade científica.



**ANA MARIA GONÇALVES**

anaverde2000@hotmail.com

Lisboa, 1969. Fez o Curso de Artes dos Tecidos na então Escola Secundária António Arroio. Frequentou o Curso História, Variante História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, é licenciada em Educação Social pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) e mestranda em Ciências da Arte e do Património na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), trabalhando sobre Tapeçaria Contemporânea Portuguesa. Participou na Exposição ARTLAB Protocolo Simbólico na FBAUL e nas Conferências da Primavera: Maria Flávia de Monsaraz: “A Tapeçaria foi uma coisa que o Céu me deu...” (maio 2015). Quanto à Formação Profissional, tem o Curso de Modelação de Vestuário e o Curso de Especialização Tecnológica em Serviço

Social e Desenvolvimento Comunitário. Ana Maria Gonçalves como educadora foi sempre utilizando os têxteis como matérias e materiais plásticamente expressivos: lecionou no ensino secundário — Trabalhos Oficiais/Têxteis; em decoração de interiores como especialista no segmento dos produtos têxteis e formando outros profissionais; criou e executou figurinos para teatro dedicado a públicos escolares, nomeadamente, para a peça *Antes de Começar de Almada Negreiros*; desde 2001, trabalha na Câmara Municipal de Odivelas onde criou e implementou diversos ateliês para adolescentes e jovens, atualmente, tem em curso no Centro Cultural da Malaposta, um Programa de Ateliês para adultos dedicado à Reutilização de Vestuário e de Têxteis-lar.



**ANA TECEDEIRO**

Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Mestre em Artes Visuais/intermédia pela Universidade de Évora. Vive e trabalha em Lisboa. Representada pela galeria Miguel Justino Contemporary Art. Foi oradora na conferência *Contextile – Trienal de Arte Têxtil Contemporânea*, 2012

Exposições mais recentes

2016

O único (instalação), Galeria Miguel Justino, Lisboa, Portugal

2015

Amarração [vídeo], FUSO - Anual de Vídeo Arte Internacional de Lisboa, Museu da Electricidade, Lisboa, Portugal

Acervo a Céu Aberto, Miguel Justino Contemporary Art, Lisboa, Portugal

Sem Emenda - Labirinto de Erros [intervention based on a poem from José Anjos], Festival Silêncio, Atelier BV90, Lisboa, Portugal

2014

En Réponse à la Guerre, SMAC, Château d’Hardelot, França

10 + 1 | A Título Informal, Espaço Cultural das Mercês, Lisboa, Portugal

Levantamento das Pestes, Sociedade Harmonia Eborense, Évora, Portugal

Duas Artistas, Algumas Obras, 1 Armário, 3 Cadeiras, 45.000 Agrafos e 1 Periquito, Galeria Bloco103, Lisboa, Portugal

Small Things To Collect, Galeria Bloco103, Lisboa, Portugal

2013

Suave 5, Trienal Internacional de Acessórios Têxteis e Moda, Madrid, Espanha

Paisagens Improváveis, Galeria Bloco103, Lisboa, Portugal

2012

O Máscara de Ferro e Outros Desenhos Negros, Galeria do Instituto Açoreano de Cultura, Angra do Heroísmo, Portugal

Contextile 2012 - Trienal de Arte Têxtil Contemporânea, Casa da Memória, Guimarães, Portugal



#### CATARINA DANTAS

catarinadantasart@gmail.com

<http://dcantymp.wix.com>

Nasce em Câmara de Lobos em 1991. Completa o secundário no ano de 2010, na Escola Secundária de Francisco Fraco, no Funchal. Ingressando nesse mesmo ano na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, na Licenciatura em Artes Plásticas, ramo de Pintura. Frequentando, em 2014, inscrita no programa de Almeida Garrett de Mobilidade Nacional, o 4º ano em pintura na faculdade de Belas Artes na Universidade de Lisboa. Especialmente interessada na Pintura e na potencialidade da cor e da transparência, o seu trabalho focaliza-se na procura de subtilezas e vibrações resultantes da experiência dos sentidos. Procurando ser mediadora entre a dimensão sensorial e a dimensão da matéria, dando ênfase a exploração das diferentes plasticidades de materiais.

Participa em diversas em exposições:

2009

*Terminal 12*, Exposição coletiva, Galeria Francisco Franco, Junho de 2009.

2010

*Agricultura Madeirense*, exposição e concurso de fotografia, Galeria Francisco Franco, 2010.

*FF-69-12*, exposição coletiva, Galeria Francisco Franco, Junho de 2010.

2013

*Criarte*, exposição e concurso de pintura, na Casa da Cultura de Santa Maria Maior, Funchal, com a obra *Sem título*.

*Partículas*, exposição individual, Hospital Cuf, Porto, Janeiro de 2013.

Exposição e concurso de pintura da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto, com a obra intitulada *(A)fundar*.

Participação na exposição "Projeções 2013 - O Desenho da FBAUP", no Lugar do Desenho Fundação Júlio Resende

Prêmios:

Menção honrosa recebida pela fotografia de participação na Exposição e concurso de fotografia intitulada "Agricultura Madeirense", Galeria Francisco Franco, Funchal em 2010.

Segunda classificação no concurso *Criarte* 2013, com a obra *Sem título*.



#### CRISTINA VILAS-BÔAS

vilasboasproject@gmail.com

Lisboa, 1967. Com formação e experiência profissional em Estilismo de Moda e Vitrinística, Cristina Vilas-Bôas frequentou todos os níveis de Tapeçaria na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde se licenciou em Pintura em 2012. Bolseira da Fundação Amadeu Dias, desenvolve um projeto de investigação intitulado Pigmentos naturais aplicados à pintura sobre tela, e tem sido ainda formadora na FBAUL, no âmbito de um curso livre: O fabrico do papel aplicado às artes plásticas. Enquanto artista, trabalha nas áreas de Audiovisual, Desenho, Escultura, Instalação, Performance, Papel, Pintura, Tapeçaria e Vitral, e tem participado em várias exposições individuais e coletivas, encontrando-se representada em coleções privadas e públicas. Atualmente, é doutoranda em Belas-Artes — Instalação, na FBAUL.



#### DORA-IVA RITA

doraivarita@gmail.com

Lunda-Norte, Angola, 1954. Artista plástica-pintora licenciada pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (1981) e mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1987). Participou em muitas exposições coletivas, desde o

I Salão de Arte Moderna de Faro, em 1981. Realizou vinte e quatro exposições individuais, algumas com o pintor Ilídio Salteiro. Realizou catorze intervenções de arte pública em Lisboa e no Algarve, tanto em meio urbano como na paisagem, de 1990 a 2013 (Lisboa e estuário do Tejo, sítio do Alto na Manta Rota, Tavira, Cacela Velha, Ria Formosa, Santa Bárbara de Nexe, Faro e Oeiras). Atualmente, aproximou-se da arte têxtil contemporânea, através da investigação teórica e da criação artística, tendo realizado neste âmbito uma exposição individual na Galeria do Ministério das Finanças em Lisboa (2007); diversas intervenções de arte têxtil pública urbana, nomeadamente Help!, no Jardim de Sant'Ana, em Tavira (2013), e Pelos Telhados, na Casa das Artes de Tavira (2015). Tem orientado workshops de Arte Têxtil — Tecnologias Leves de Moldes Diretos e participado em algumas exposições coletivas, designadamente na Trienal Internacional de Arte Têxtil Contextile, em Guimarães (2012); SUAVE, em Madrid, com itinerâncias em Espanha e América Latina (2013-2014); ESAP, em Guimarães (2014) e Casa das Artes de Tavira (2015).



**FILIPA FLORES**

filipaflores63@gmail.com

Frequenta a licenciatura de Pintura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Curso Oficinas Livres de Interpretação Teatral na Companhia de Teatro Os Satyrus, Curitiba, Brasil, seguido da Certificação Profissional na Categoria de Atriz. Curso de Decoração e Restauro de Mobiliário da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva de Lisboa. Trabalhou como restauradora de lacas orientais. Varias exposições nacionais e internacionais de Tapeçaria Contemporânea, Gravura e Artes Plásticas. Representada em múltiplas coleções nacionais e internacionais: Polónia, Brasil, África do Sul, França.



**HUGO FERRÃO**

hugo.ferrao@fba.ul.pt

Lourenço Marques-Maputo, 1954. Professor Universitário-Artista. Doutoramento em Belas-Artes especialidade de Pintura pela Universidade

de Lisboa com a tese intitulado: «Pintura como Hipertexto do Visível, Instauração do Tecno-imaginário do Citor» (2007). Equiparação a Doutoramento - Agregação ao 5º Grupo – Pintura como tema «Ciberarte, Imaginário Ciberpunk ou a Implosão do Futuro» (1996). Mestre em Comunicação Educacional Multimédia pela Universidade Aberta com a dissertação intitulada: «Ciberespaço como Matéria do Sonho, Tribos e Territórios Virtuais» (1995). Pós-Graduação em Sociologia do Sagrado e do Pensamento Religioso pela Universidade Nova de Lisboa com o ensaio intitulado: «Madonna della Vittoria, versus Sacra Conversazione – Visibilidade e Legibilidade do Discurso Pictórico» (1992). Licenciado em Artes Plásticas-Pintura pela ESBAL (1985). Professor Associado de Pintura, onde cria as unidades curriculares de Ciberarte e Realidade Virtual, regente e docente de Tapeçaria, de fundador do Centro de Investigação em Ciberarte, e do CIEBA – Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes de quem é o primeiro diretor; Investigador Principal da secção de Ciberarte; Presidente do Conselho Científico de 2006-2012, Comissão de Coordenação do Doutoramento da Fac. de Belas-Artes de 2006-2012. Conselheiro da Universidade de Lisboa desde 2011. Conselheiro da Escola Artística António Arroio. Cria o conceito de «citor», investiga e publica nos domínios da iconografia, simbologia, tapeçaria, ciberarte, cibercultura, hipertexto, realidade virtual e seu impacto na formalização do discurso artístico-pintura. Mantém atividade artística no âmbito da pintura, fotografia e tapeçaria desde 1985.



**SÓNIA GODINHO**

sonia\_a\_l\_godinho@hotmail.com

Évora, 1983. Bacharel em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2014), Sónia Godinho frequentou todos os níveis de Tapeçaria, tecnologia que, desde 2010, assume relevância no seu trabalho artístico. Atualmente vive entre Lisboa e Estremoz e, enquanto artista, tem aprofundado um trabalho assumidamente feminino e performativo, em torno dos mitos fundadores. Articula a Tapeçaria com o Desenho, a Fotografia e a Pintura. As obras da presente série abordam essencialmente a dicotomia entre o delicado trabalho de linhas dos labores femininos e os duros trabalhos de campo que as mulheres ainda desempenham no Alentejo, de onde é natural.

**TERESA MATOS PEREIRA**

teresa.peras@gmail.com

Santiago do Cacém, 1974. Licenciatura em Artes Plásticas — Pintura (1998), Mestrado em Teorias da Arte (2002) e Doutoramento em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2011). Teresa Matos é atualmente professora adjunta na Escola Superior de Educação de Lisboa, onde coordena a Licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias e leciona nas áreas das Artes Visuais e Educação Artística. Como artista, tem realizado as seguintes exposições individuais: «Desenhos de Fogo», Biblioteca Municipal de Santiago do Cacém — Manuel da Fonseca (2012); «In Memoriam», Desenho e Pintura, Auditório Municipal António Chainho, Santiago do Cacém (2010-2011); «A poeira do tempo», Desenho e Pintura, Galeria Imargem, Almada (2008); «In Naturalibus», Desenho e Objetos Têxteis, Casa do Corpo Santo, Setúbal (2003); «Tempo Fragmentado», Tapeçaria/ Instalação, Museu Municipal de Santiago do Cacém (1999). Desde 1998, tem participado igualmente em diversas exposições coletivas.

IMAGO — 3

**BÁRBARA FREIRE DA CRUZ**

barbarafreire@hotmail.com

Lisboa, 1995. Curso Científico Humanístico de Artes Visuais, na Escola Secundária Fernando Lopes Graça (Parede, 2010/2013). Ingressa na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2013), frequenta o 3º ano da Licenciatura de Desenho e encontra-se no nível de Desenvolvimento I da unidade curricular de Tapeçaria. Os seus centros de interesse estão associados à fotografia analógica, gravura, ilustração científica, desenho de modelo/retrato/escultura.

**CAROLINA SANTOS**

ka.css@live.com.pt

Graus Académicos:

2011- Conclui o 12º Ano no âmbito do curso de Artes Visuais da Escola Secundária Garcia de Orta-Porto

2015- Frequenta o 4ºano da Licenciatura de Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

Cursos Frequentados:

2005/2006 - Curso de Pintura Soarte- Viana do Castelo

2010/2011 - Curso “Desenhar Desenhando”-FAUP, Porto

2013 - Workshop Lomográfico- Embaixada Lomográfica, Lisboa

EXPOSIÇÕES:

2014

7ª Edição GAB-A - Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

8ª Edição GAB-A - Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

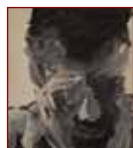
The Will Bes “Eu Consigo”- Café Central, Lisboa

2015

9ª Edição GAB-A - Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

Ensaio para uma Exposição - Galeria da Associação 25 de Abril, Lisboa

Exposição “12x12”- Atelier da Travessa, Lisboa

**DANIEL XAVIER**

daniel\_2580\_xavier@hotmail.com

Almada, 1994. Após frequentar o Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, na Escola Secundária Francisco Simões (2009/2010 a 2011/2012), Daniel Xavier ingressou na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde frequenta atualmente o 4.ºano da licenciatura em Pintura. No último ano, no âmbito do Programa Erasmus, frequentou a Université Paris8, em Paris, França.

Enquanto artista explora o conhecimento humano como algo interpessoal, levando a uma

certa construção/desconstrução pessoal. Expõe coletivamente desde 2010, sendo de destacar, em Portugal, as exposições coletivas realizadas no evento "Mulheres Pintoras/Mulheres Pintadas", no Palácio Landal (Santarém, 2016), no evento "12x12" (Lisboa, 2015) na Galeria de Emergentes SHAIR (Braga, 2015), na Associação 25 de Abril (Lisboa, 2015), na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa: GAB-A (Lisboa, 2014/2015), na Biblioteca José Saramago (Almada, 2013 e 2011); na Sala Pablo Neruda (Almada, 2012) e na Oficina da Cultura (Almada, 2010). No Brasil, participou também em duas exposições coletivas na Faculdade de Artes Visuais de Campinas (Campinas, 2015) e na Galeria SEDE de Campinas (São Paulo, 2015). Ainda em França, no LE 6B (Paris, 2016).



**GUILHERME RAMOS**  
guilherme.ramos1@gmail.com

Covilhã, 1994. Guilherme Ramos iniciou a sua formação artística na Escola Secundária Campos Melo (Covilhã), onde frequentou o Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais (2009/2010 a 2011/2012) e, paralelamente, no primeiro ano, um ateliê de pintura, no qual começou a desenvolver o gosto por esta área. Ao concluir o ensino secundário, ingressou na licenciatura em Pintura, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2012), onde se encontra hoje a frequentar o 3.º ano. Atualmente, inscrito no nível de Desenvolvimento II de Tapeçaria, Guilherme Ramos dá continuidade ao trabalho tem vindo a desenvolver desde o 1.º semestre de 2014-2015, procurando articular a linguagem têxtil com a pictórica, em estudos delicados que exploram os contrastes cromáticos e lumínicos da paisagem marinha.



**HABIB AHMED AFSAR**

Habib Ahmed Afsar (1970, Manama Bahrain, Paquistão) is a public health physician, development expert and visual and community artist. He works internationally and is based in Zurich. His vision is "to create safe spaces where beauty is celebrated"

which implies an art-based, resource-oriented relational approach. He loves to travel and hike in nature and has just added Lisbon as one of his favorite cities in the world!

Health, whether of an individual, community or organization, is a holistic construct that enjoys an intimate inter-play between the physical, mental, social and spiritual domains. It is not a static status in as much as it is impossible to avoid the occasional flu or occasionally feeling depressed or stuck. Health, in this broader construct is as much about coping with difficult situations as it is in maintaining a balanced status. The healthiest of us, in fact learn and thrive from our difficulties.

Art, as a tool has the tremendous capacity to access all these domains. Through creating art and reflecting on the art products and processes, we can increase awareness of the self and others, cope with symptoms, stress and traumatic experiences and enhance cognitive abilities. Most importantly, in the process, we can enjoy the life-affirming pleasures of making art and experiencing beauty. There is ample scientific evidence of the efficacy of using the arts in many sectors that include health, education, conflict resolution and peace building, organizational management, communication, international development and so forth.

His expertise and interests revolve around health and human development through individual and social change using the arts as a tool.



**JOANA LEITÃO SALVADOR**  
joanaleitaosalvador@gmail.com

Nasceu em Lisboa, em 1971.

Vive e trabalha em Lisboa.

1998 Curso de Gravura, Centro de Arte e comunicação Visual, AR.CO., Lisboa.

1999/2000 Curso Básico de Desenho, Centro de Arte e Comunicação Visual, A.R.C.O., Lisboa.

2000 Curso Avançado em Artes Plásticas, Centro de Arte e Comunicação Visual, A.R.C.O., Lisboa.

2000 Bolsa António Arriga Mardel Correia

2005 Curso CAI (centro Artístico Infantil), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Frequenta o Regime Livre na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, em Tapeçaria Projeto I, tendo já concluído Tapeçaria Iniciação, Desenvolvimento I e II e Estudos Tecnológicos de Cerâmica I e II.

Exposições Individuais/Solo Exhibitions

2010 Outras coisas, naturezas mortas e temas românticos, Galeria 111, Lisboa  
 2007 Viagem à Índia, Galeria 111, Lisboa; Galeria 111, Porto.  
 2005 Mundos inacabados, Galeria 111 Lisboa; Galeria 111, Porto  
 2003 Galeria 111, Lisboa; Galeria 111, Porto.  
 Exposições Coletivas  
 2014 Laços de Família, Centro de Manuel de Brito, Algés  
 2011 Arca de Noé, Centro de Arte Manuel de Brito, Algés  
 2009 Equinonócio de verão, Galeria 111, Lisboa  
 2008 A volta do papel-100 Artistas, Centro de Arte Manuel de Brito, Algés  
 2007 10 Artistas, Galeria 111, Porto  
 2006 OUTRA(S)OBRAS, Galeria 111, Lisboa; OUTRA(S)OBRAS, Galeria 111, Porto/Oporto  
 2005 Frente a Frente, Galeria 111, Lisboa  
 Em redor do papel de Mário Eloy e Isabel Faria, Galeria 111, Porto



**MADALENA MENDES**  
 madalenamendes.5@gmail.com

Oeiras, 1995. Após frequentar o Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, na Escola Secundária Henriques Nogueira, em Torres Vedras (2010/2011 a 2012/2013), Madalena Corrêa Mendes ingressou na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde frequenta atualmente o 3.º ano da licenciatura em Pintura. Tendo começado a desenvolver trabalho artístico na área da Tapeçaria no 1.º semestre de 2014/2015, encontra-se agora inscrita no nível de Desenvolvimento II, onde irá aprofundar os exercícios ora em exposição. Enquanto artista, aborda temas relacionados com o auto-conhecimento e a “auto-procura”. A dualidade corpo-alma, o inconsciente, a gestualidade e o movimento são alguns dos conceitos-base do seu trabalho artístico. Tem participado em mostras coletivas desde cedo, sendo de destacar as GAB-A 2014 e as GAB-A 2015, na FBAUL.



**MAFALDA RIO C. FRAGA GARCIA**  
 mafaldagarcia\_15@hotmail.com

Mafalda Rio Colles Fraga Garcia nasce em Linda-a-Velha a 9 de Julho de 1993.

Em 2012, concluiu com 17 valores o curso de Produção Artística, na vertente de especialização em Representação Plástica do Espectáculo, da Escola artística António Arroio. No mesmo ano, participou na criação de figurinos para o espectáculo de ópera para pequenos executantes, *Cinderella*, de Peter Maxwell Davies, levada à cena no CCB.

Frequentou o curso *A Mulher na Arte*, integrado na Escola de Verão 2010 da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tendo obtido a classificação final de 18 valores.

Em 2012 ingressa na Licenciatura de Pintura da Faculdade de Belas – Artes de Lisboa.

Em 2013 participa numa exposição colectiva realizada no Hotel NH em Lisboa.

Os seus interesses abrangem a Pintura, Escultura e Fotografia.

Focando quase sempre o seu trabalho em técnicas mistas como forma de explorar uma fusão de materiais, técnicas e áreas diversas



**MÁRCIA MARQUES**  
 marciamarques1795@gmail.com

Lisboa, 1995. Ao concluir o Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, na Escola Secundária de Mem Martins (Sintra, 2013), Márcia Marques ingressou na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde frequenta atualmente o 3.º ano da licenciatura em Ciências da Arte e do Património. A primeira aproximação à Tapeçaria ocorreu no 1.º ano desta licenciatura, no âmbito da unidade curricular de Tecnologias Artísticas I. No mesmo ano e no âmbito da mesma disciplina, realizou uma entrevista ao artista Alves Dias, o que lhe possibilitou o contacto direto com algumas das suas obras e uma maior compreensão da tapeçaria contemporânea. Em Tapeçaria Iniciação (1.º semestre de 2014/2015), realizou experiências com materiais não convencionais e uma micro-tapeçaria tradicional. Mais recentemente, em Tapeçaria Desenvolvimento I (2.º semestre de 2014/2015), elaborou o primeiro projeto, intitulado “Fases da Vida”.



**SARA SILVA PEREIRA**

sarafspereira8@gmail.com

Nasce em 1993, Lisboa.

Formação Académica

2009-2012: 12º ano de Artes Visuais, Escola Amélia Rey Colaço, Linda-a-Velha

2010 – 2011: 1º ano de Desenho da Sociedade Nacional de Belas-Artes Artes

2011 – 2012: 1º ano de Pintura da Sociedade Nacional de Belas-Artes Artes

2012 – licenciatura de Pintura, Faculdade Belas-Artes da Universidade de Lisboa Artes da Universidade de Lisboa

Exposições colectivas

2011: Exposição de alunos da Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa

2012: Exposição de finalistas Artes Visuais da EBSARC, Biblioteca Municipal de Algés, Oeiras

2015:

"8 Olhares sobre o Feminino", Casa da Cultura Junta de Freguesia Olivais, Lisboa

"A25A", Associação 25 de Abril, Chiado, Lisboa

"GAB -A" (Galerias Abertas da Faculdade de Belas A", FBAUL, Lisboa

9ª Exposição Shair, Galeria Emergentes, Galeria Emergentes, Galeria Emergentes, Galeria Emergentes, Galeria Emergentes dstdst, Braga  
12x12, Travessa de Santo António a Santos, 14, Lisboa

Exposições individuais

2015:

Bar-café Aparte, Via Rara – Santa Iria da Santa Iria da Azóia, Lisboa

Galeria Arte, Centro Comercial Dolce Vita, Miraflores, Oeiras



**SUSANA CRUZ**

susanac1994@hotmail.com

Lisboa, 1994. Em 2012 completa o curso de têxteis da Escola Secundária Artística António Arroio, em Lisboa. Ingressa na Licenciatura de Pintura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Em 2011 expõe na Escola Secundária Artística António Arroio. Os seus interesses abrangem a Pintura e a Tapeçaria, bem como, a Filosofia. O seu trabalho foca-se na descoberta do que é o ser humano pela arte. Oscila entre o lógico e o emocional, num percurso que é também pessoal.





—  
ARTLAB

Mitos e Rituais da Tapeçaria Contemporânea

CATÁLOGO

21 ABRIL 2016 — 29 MAIO 2016

**Organização**

Faculdade de Belas-Artes  
Universidade de Lisboa  
Largo da Academia Nacional  
de Belas-Artes, 1294-058 Lisboa  
Tel [+351] 213 252 108  
grp@fba.ul.pt | www.fba.ul.pt

**Edição**

Instituto Politécnico de Viana do Castelo  
Praça General Barbosa  
4900-347 Viana do Castelo  
Tlf [+351] 258 809 610 | Tlm [+351] 965 919 650  
geral@ipvc.pt | www.ipvc.pt

**Coordenação**

Vitor Monteiro  
Francisco Trabulo  
Hugo Ferrão\*  
Ana Gonçalves de Sousa\*  
Ana Maria Gonçalves \*

**Curadoria**

Francisco Trabulo  
Hugo Ferrão\*

**Design Editorial**

Gabinete de Comunicação e Imagem | IPVC

**Impressão e Acabamento**

**ISBN**

978-972-588-252-8

**Oficina Cultural**

**Instituto Politécnico de Viana do Castelo**  
Largo 9 de Abril, Ap. 186  
4901-911 Viana do Castelo  
Tel [+351] 258 825 472 | Tlf [+351] 967 641 926  
sas@sas.ipvc.pt | www.sas.ipvc.pt

**Exposição**

**Produção**  
IPVC/FBAUL

**Coordenação**

Francisco Trabulo  
Hugo Ferrão\*

**Montagem**

Francisco Trabulo  
Hugo Ferrão

**Relações Públicas**

Isabel Nunes\*  
Sílvia Rolo

© dos textos e das fotografias, os autores.  
© FBAUL, 2016.

Viana do Castelo, 2016

\*Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa



Instituto Politécnico  
de Viana do Castelo



**b**  
—  
**a**

cieba

**belas-artes**  
**ulisboa**

